



ACADEMIA MILITAR

A CAPACIDADE ANTICARRO DOS BATALHÕES DE INFANTARIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO: POTENCIALIDADES E VULNERABILIDADES

Aspirante Aluno de Infantaria Rui Emanuel Martins Pina

Orientador: Major de Infantaria Pedro António Marques Costa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto 2012



ACADEMIA MILITAR

A CAPACIDADE ANTICARRO DOS BATALHÕES DE INFANTARIA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO: POTENCIALIDADES E VULNERABILIDADES

Aspirante Aluno de Infantaria Rui Emanuel Martins Pina

Orientador: Major de Infantaria Pedro António Marques Costa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, agosto 2012

DEDICATÓRIA

Às duas mulheres da minha vida, Albina e Ana

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão primeiramente para o nosso Major de Infantaria Pedro António Marques Costa orientador deste trabalho, pela sua experiência, paciência e tempo despendidos no apoio e na realização desta investigação.

Um profundo agradecimento ao nosso Alferes de Infantaria Adriano Manuel da Costa Afonso e família, pela ajuda incansável e fundamental, na elaboração deste Trabalho.

Devo ainda agradecer aos Oficiais, Sargentos e Praças do Regimento de Infantaria n.º 14, que contribuíram na recolha de dados e informações necessárias para o trabalho.

À Mestre Zita Carvalheiro, na ajuda essencial dada na correção do Português ao longo da elaboração do trabalho.

À minha mãe por todo o apoio e educação, desde sempre. E à Ana por estar sempre presente, pela sua paciência e apoio.

Cumprimentos e agradecimentos a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

A todos, um Muito Obrigado.

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) encontra-se subordinado ao tema “A Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção: Potencialidades e Vulnerabilidades” e enquadra-se no âmbito do Trabalho Final dos Alunos da Academia Militar Portuguesa.

Tem como objetivo a realização de um estudo que possibilite aferir quais as Vulnerabilidades e quais as Potencialidades da Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção.

A realização do presente trabalho de investigação obrigou á identificação de um Universo Alvo o qual, para o efeito do estudo conduzido, considera todos os Oficiais a desempenhar funções com influência, direta ou indireta, no emprego dos meios e da Capacidade Anticarro da Brigada de Intervenção e da Brigada Mecanizada.

Para efeitos de recolha de dados, foi considerada uma amostra de 10 indivíduos, dos quais 8 Oficiais prestam serviço na Brigada de Intervenção e 2 prestam serviço na Brigada Mecanizada.

Através desta investigação procurou-se caracterizar e relacionar as várias Potencialidades e Vulnerabilidades da Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção, por forma a comparar o seu modo de emprego com a forma de emprego e modo de atuação de outras Forças estrangeiras congéneres.

Do Estudo realizado, concluiu-se que os Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção para o cumprimento da sua missão têm como Potencialidades Anticarro o alcance do Sistema Lança Mísseis de Médio Alcance MILAN, e como Vulnerabilidades Anticarro têm as limitações de emprego que as características próprias das armas Anticarro impõem no seu manuseamento.

Palavras – Chave: Anticarro; Capacidade; meios;

ABSTRACT

This Applied Investigation Work (TIA), has as main theme “The Antiarmor Capacity of the Infantry Battalions in Intervention Brigade: Potentialities and Vulnerabilities” and frames within the Final Work of the Portuguese Military Academy Students.

His main objective is the performance of a Survey that allows assessing the vulnerabilities and the antiarmor capacity of the infantry battalions in Intervention Brigade.

The completion of this investigation work, obliged to the identification of a Target Universe, which for the purpose of the study conducted, considers all the Officers performance tasks with direct or indirect influence in the application of the means and Antiarmor Capacity of the Intervention Brigade and Mechanized Brigade.

For the data collection, was considered a sample of 10 individuals, of which 8 Officers serve in the Intervention Brigade and 2 serve in the Mechanized Brigade.

Through this investigation, sought to characterize and relate the several potentialities and vulnerabilities of the Antiarmor Capacity of the Infantry Battalions in Intervention Brigade, in order to compare their application mode with the application mode and performance of Foreign Forces.

The performed Survey, concluded that Infantry Battalions in Intervention Brigade, for the fulfilment of his mission has as antiarmor potentialities, the range of anti-tank guide missile MILAN, and the antiarmor vulnerabilities are the limitations employment characteristics of the means.

Key-words: Antiarmor; Capacity; means;

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	I
AGRADECIMENTOS	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT	IV
ÍNDICE DE FIGURAS	VIII
ÍNDICE DE QUADROS	IX
LISTA DE APÊNDICES	X
LISTA DE ANEXOS.....	XI
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XII
LISTAS DE SIGLAS.....	XIV
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	1
1.1. Nota Introdutória.....	1
1.2. Enquadramento	1
1.3. Justificação do Tema	2
1.4. Objeto da Investigação: O Problema.....	2
1.5. Hipóteses	3
1.6. Objetivos	3
1.7. Metodologia	4
1.8. Síntese dos Capítulos	5

CAPÍTULO 2 - REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1. Armas Anticarro.....	7
2.1.1. Génese Armas Anticarro	7
2.1.2. Categorização das Armas Anticarro.....	8
2.1.3. Capacidade Anticarro Atual	10
2.1.3.1. E.U.A.	11
2.1.3.2. Rússia.....	13
2.1.3.3. França	15
2.1.3.4. Israel	16
2.2. Brigada de Intervenção.....	17
2.2.1. Génese da Brigada de Intervenção	17
2.2.2. Propósito da Brigada de Intervenção	18
2.2.3. Meios e Emprego dos Meios ACar da BrigInt	19
2.3. Conclusões sobre o Estado de Arte.....	21
 CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	 23
3.1. O Objeto de Estudo.....	23
3.1.1. Finalidade do Estudo.....	23
3.1.2. Objeto de Estudo do Trabalho de Campo: O Problema	24
3.1.3. Hipóteses Práticas	24
3.1.4. Variáveis	25
3.2. Metodologia de Investigação.....	26
3.2.1. Introdução	26
3.3. Caracterização da Amostra	27
3.4. Local e data da pesquisa	28
3.5. Procedimentos.....	29
3.5.1. Recolha de Dados.....	29
3.6. Instrumentos	29
 CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	 31
4.1. Introdução.....	31
4.2. Análise das Entrevistas	31
4.3. Discussão dos resultados	38
4.3.1. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 1	38
4.3.2. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 2.....	39
4.3.3. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 3.....	40
4.3.4. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 4.....	40
4.3.5. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 5.....	41

4.3.6. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 6.....	41
4.4. Breves Conclusões.....	42
CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES DO ESTUDO	44
5.1. Introdução.....	44
5.2. Verificação das Hipóteses	44
5.3. Resposta à Pergunta de Partida.....	46
5.4. Reflexões Finais e Recomendações	46
5.5. Limitações ao Estudo	47
5.6. Investigações Futuras	47
BIBLIOGRAFIA	48
APÊNDICES	1
APÊNDICE A – GUIÃO DA ENTREVISTA	2
ANEXOS	1
ANEXO A – TOW.....	2
ANEXO B – JAVELIN.....	2
ANEXO D – M72 LAW	3
ANEXO E - M1134 8*8 Stryker Anti-Tank Guided Missile.....	4
ANEXO F – RPG-7	4
ANEXO G – AT-7.....	5
ANEXO H – AT-4 SPIGOT	5
ANEXO I – MILAN	6
ANEXO J – ERYX	6
ANEXO K – SPIKE.....	7
ANEXO L – PANDUR II 8*8.....	8
ANEXO M – QUADROS ORGÂNICOS	9

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Síntese Pictórica das Conclusões sobre o Estado de Arte.....	22
--	-----------

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização da Amostra.....	28
Quadro 2 - Respostas à pergunta nº1 da Entrevista.....	32
Quadro 3 - Respostas à pergunta nº2 da Entrevista.....	33
Quadro 4 - Respostas à pergunta nº3 da Entrevista.....	34
Quadro 5 - Respostas à pergunta nº4 da Entrevista.....	35
Quadro 6 - Respostas à pergunta nº5 da Entrevista.....	36
Quadro 7 - Respostas à pergunta nº6 da Entrevista.....	37
Quadro 8 - Comparação dos meios ACar BrigInt (QOM) /BrigInt (Realidade)	38
Quadro 9 - Comparação de respostas sobre o método de emprego dos meios ACar.....	40
Quadro 10 - Potencialidades e Vulnerabilidades.....	41

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Guião da Entrevista

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – TOW

ANEXO B – JAVELIN

ANEXO D – M72 LAW

ANEXO E – M1134 8*8 Stryker Anti-Tank Guided Missile

ANEXO F – RPG-7

ANEXO G – AT-7

ANEXO H – AT-4 SPIGOT

ANEXO I – MILAN

ANEXO J – ERYX

ANEXO K – SPIKE

ANEXO L – PANDUR II 8*8

ANEXO M – QUADROS ORGÂNICOS

LISTA DE ABREVIATURAS

ACar	Anticarro
Ap	Apoio
Asp	Aspirante
At	Atirador
Bat	Batalhão
Brig	Brigada
Btr	Bateria
Can	Canhão
CAV	Cavalaria
Cmd	Comando
Cmdt	Comandante
Comp	Companhia
Cond	Condutor
Exp	Exploração
h	Hora
INF	Infantaria
Int	Intervenção
Kg	Quilogramas
Km	Quilómetros
m	Metros
Mec	Mecanizada
n.º	Número

p.	Página
Pel	Pelotão
Sec	Secção
Rec	Reconhecimento
Svç	Serviços
Tm	Transmissões
ton	Toneladas
Un	Unidade
Reg	Regimento

LISTAS DE SIGLAS

BI	Batalhão de Infantaria
BRR	Brigada de Reacção Rápida
CAC	Companhia de Apoio de Combate
CCS	Companhia de Comando e Serviços
EPI	Escola Prática de Infantaria
EAC	Esquadrão de Apoio de Combate
ERec	Esquadrão de Reconhecimento
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
GAM	Grupo de Autometralhadoras
QOM	Quadro Orgânico de Material
RA 4	Regimento de Artilharia nº 4
RAAA 1	Regimento de Artilharia Antiaérea nº1
RC 6	Regimento de Cavalaria nº6
RE 3	Regimento de Engenharia nº3
RI 13	Regimento de Infantaria nº13
RI 14	Regimento de Infantaria nº14
RI 19	Regimento de Infantaria nº19
SLM	Sistema Lança Mísseis
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Nota Introdutória

O presente trabalho, no âmbito do Mestrado em Ciências Militares, para a arma de Infantaria do Exército, tem como objetivo o estudo científico, a pesquisa e a análise de dados sobre as Capacidades Anticarro (ACar) disponíveis nos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção.

O Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) aqui exposto procura desta forma aferir, um conjunto de potencialidades e vulnerabilidades técnicas e táticas, quer dos meios e equipamentos ACar, quer dos princípios e pressupostos de emprego destes mesmos meios no seio dos Batalhões de Infantaria (BI) da Brigada de Intervenção (BrigInt).

A aferição de um conjunto de Potencialidades e Vulnerabilidades da Capacidade ACar da BrigInt torna possível produzir um quadro comparativo, que relacione e enquadre o desempenho das capacidades ACar dos BI da BrigInt face às capacidades de desempenho ACar de unidades congéneres dos países mais desenvolvidos, no que à doutrina de emprego de meios ACar diz respeito.

Face ao preliminar exposto nesta nota introdutória, há a referir que este TIA encontra-se desta forma subordinado ao tema: “A Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção: Potencialidades e Vulnerabilidades”.

1.2. Enquadramento

O tema enunciado “A Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção: Potencialidades e Vulnerabilidades” insere-se numa temática abrangente, que envolve conhecimentos a nível técnico e tático e a experiência dos militares envolvidos.

Deste modo, pretende-se com este estudo avaliar de forma concreta, um conjunto de potencialidades e vulnerabilidades da capacidade ACar dos BI da BrigInt, criando para o efeito uma base de conhecimento que sirva, por seu turno, como complemento aos conhecimentos técnicos e táticos dos camaradas que como o autor possam servir como Comandantes das pequenas Unidades dos BI da BrigInt.

1.3. Justificação do Tema

A escolha do tema em questão prende-se com a iniciativa e vontade pessoal do autor em adquirir um conjunto de conhecimentos mais extensos e profundos no domínio técnico e tático do emprego das Armas ACar, uma área de relevo no domínio da Tática de Infantaria.

Desta feita é também objetivo deste estudo, que o conteúdo forneça uma base de conhecimento acrescida aos camaradas que passam pelos bancos da Academia, por modo a que no futuro encontrem no domínio dos conhecimentos técnicos e táticos da capacidade ACar, um fator de sucesso, para o exercício das suas funções como Oficiais de Infantaria.

1.4. Objeto da Investigação: O Problema

Quando nos deparamos com um desafio de estudo de um determinado tema, há que extrair dele um problema. O investigador não se confronta com este problema somente no início, aquando da conceção do estudo do projeto, mas também em diversas fases do processo: no desenho do plano de pesquisa, ao descer ao terreno, na escolha dos casos e na recolha de dados (Flick, 2005).

Santos (2005) refere que o tema advém de um trabalho específico, podendo mesmo dizer-se que o problema se constrói. Podem surgir bons e maus problemas. Todo o investigador procura a resposta que quer atingir um bom problema, enquanto os maus problemas só nos desorientam. Para se alcançar um bom problema, é necessário que este reúna um conjunto de condições, sendo elas: clareza, pertinência, fecundidade e operacionalizabilidade (Santos, 2005).

Desta forma, para levantar o problema que orientou os estudos sobre a temática abordada, partimos para a identificação da questão central deste trabalho de investigação, processo esse que foi moroso e que resultou na seguinte questão central:

1 – “Quais as Potencialidades e Vulnerabilidades da Capacidade Anticarro dos BI da BrigInt no cumprimento da sua Missão?”

Formulado o enunciado da questão central, surgiram algumas interrogações de índole académica, as quais acresciam um agregado de questões em torno da questão central e da temática escolhida, este conjunto de questões, que de ora em diante designaremos como questões derivadas, assumem o seguinte enunciado:

2 – “Quais as Potencialidades dos meios ACar dos BI da BrigInt?”

3 – “Quais as Vulnerabilidades dos meios ACar dos BI da BrigInt?”

4 – “Qual será o emprego tático dos meios ACar mais eficiente: a concentração dos meios no Batalhão ou a dispersão dos mesmos pelas Companhias?”

1.5. Hipóteses

Face ao problema, as hipóteses colocadas foram as seguintes:

Hipótese 1 – As Potencialidades dos meios ACar dos BI da BrigInt que mais se destacam pelo seu modo de atuação e emprego são a mobilidade, a autonomia, o alcance das suas armas e a proteção fornecida à força pelos seus meios.

Hipótese 2 – As Vulnerabilidades da capacidade ACar dos BI da BrigInt que se salientam pelo modo de atuação e emprego dos seus meios refletem-se na sua difícil e morosa manutenção, nas implicações logísticas de mobilidade dos equipamentos e nas limitações do emprego das armas ACar.

Hipótese 3 – O emprego tático dos meios ACar mais eficiente passa pela concentração dos meios no Batalhão.

1.6. Objetivos

O primeiro objetivo deste trabalho de investigação visa apurar a existência de um conjunto de Potencialidades e Vulnerabilidades da Capacidade ACar dos BI da BrigInt.

O segundo objetivo depreende um estudo sobre emprego tático dos meios ACar. Desta forma pretendemos aferir, através do estudo científico, se a concentração dos meios ACar no Batalhão ou a dispersão dos mesmos pelas Companhias se configuram como as alternativas mais eficientes, no que ao emprego tático da Capacidade ACar diz respeito.

1.7. Metodologia

O percurso metodológico adotado serve o intuito de verificar as hipóteses anteriormente enunciadas e assenta mediante as normas para a redação do relatório científico final (2011) e complementado com o manual de investigação científica da Dr.^a Manuela Sarmiento (2008), no método de investigação científico indutivo, tendo este por alicerces fundamentais dois suportes metodológicos: uma apurada revisão bibliográfica, a partir da qual se efetua uma análise qualitativa; e um estudo de caso, o qual, resultado da aplicação e condução de um conjunto de entrevistas, (onde uma vez mais recorreremos á análise qualitativa), permitiu na realização deste trabalho, verificar em parte as hipóteses avançadas garantindo a coerência e veracidade dos dados e respostas obtidas ao longo da prossecução do mesmo.

A discussão, no seio das instituições militares de ensino, em torno da temática da “Capacidade ACar” é já antiga. Na Escola Prática de Infantaria (EPI) este assunto constitui-se como base firme para a formação dos futuros Oficiais de Infantaria do Exército, desde há já muitos anos, como se comprova pela existência de alguns manuais técnicos e manuais de tática específicos para o emprego dos Meios e Capacidades das Armas ACar, da autoria desta Escola.

Todavia a investigação, em torno desta temática, conheceu um novo avanço ao longo da última década, fruto do emprego e correspondente evolução dos meios ACar nos conflitos militares recentes.

Dado o extraordinário potencial de combate que a Capacidade ACar assume nos dias de hoje, podendo esta, enquanto sistemas de armas da Infantaria, constituir-se como aquela que maior potencial traduz na relação Unidade/Homem das Unidades de Infantaria. Observando ainda a sua influência no decurso de operações de combate, consideramos o assunto académico discutido neste trabalho, da maior relevância, para que se proporcione um real contributo ao desenvolvimento da investigação académica em torno desta temática.

A possibilidade da realização de um trabalho no âmbito da temática enunciada, resulta de um especial interesse pelos conteúdos teóricos e práticos, ministrados pelos docentes das cadeiras de Sistemas de Armas de Infantaria e Tática de Infantaria, que normalmente são lecionadas nos 1º e 2º semestres do período escolar do 4º Ano. O aprofundamento, desenvolvimento e maturação desta temática teve o seu início em janeiro de 2011, contudo, foi ao longo dos últimos 12 meses que a realização deste TIA, assumiu maior ênfase.

O percurso metodológico desenhado para a realização deste trabalho de pesquisa reconhece a existência de 5 fases. Numa primeira fase, a metodologia aplicada consistiu numa pesquisa bibliográfica e numa consequente revisão de literatura. Numa segunda fase, a realização deste trabalho de pesquisa obrigou à construção de um instrumento de recolha e pesquisa de dados, o qual devidamente apoiado e fundamentado pela pesquisa bibliográfica realizada, resultou numa entrevista. Numa terceira fase, tornou-se necessária a validação da entrevista, quer quanto à metodologia aplicada, quer quanto ao género de conteúdo inscrito na entrevista. Esta validação foi realizada junto de Peritos Académicos em Metodologia Científica e junto de um conjunto de Especialistas Militares com uma vasta experiência na Capacidade ACar. A quarta fase deste trabalho foi conduzida de modo a que, o instrumento de recolha de dados fosse testado, junto de uma população com características semelhantes à população do Universo alvo, deste modo a entrevista foi testada em 3 Alferes da Arma de Infantaria. A quinta fase deste trabalho de investigação pautou-se pela aplicação da entrevista a 10 Oficiais de Infantaria e Cavalaria oriundos da Brigada de Intervenção e da Brigada Mecanizada, e posterior análise dos dados.

1.8. Síntese dos Capítulos

O texto apresentado está dividido em cinco partes fundamentais: a introdução, a revisão de literatura, a metodologia, a análise e discussão de resultados e, por fim, conclusões e recomendações do estudo.

Na primeira parte – introdução - procura-se fazer um enquadramento e justificação do tema em estudo, descreve-se o objeto de investigação (Problema), os objetivos do estudo e faz-se a descrição da metodologia utilizada.

Na segunda parte – revisão de literatura – efetuamos uma apurada revisão bibliográfica sobre dois temas principais, as armas ACar e a Brigada de Intervenção. No primeiro falamos sobre a génese, categorização e da capacidade atual das armas ACar. No segundo expomos a génese, propósito e quais os meios e o seu modo de empregabilidade na Brigada de Intervenção. Nesta parte, por fim, expõem-se as conclusões sobre o estado de arte.

Na terceira parte – metodologia – efetuamos a apresentação da finalidade do estudo e do objeto de estudo, a metodologia de Investigação seguida, o local e data da pesquisa e recolha de dados, caracterizamos a amostra e descrevemos os procedimentos de recolha de dados e os instrumentos utilizados.

Na parte seguinte – análise e discussão de resultados - apresenta-se a análise realizada das entrevistas, utilizadas para a recolha de informação sobre as potencialidades e vulnerabilidades dos meios ACar dos BI da BrigInt.

Na última parte – conclusões e recomendações do estudo - encontram-se as reflexões conclusivas da investigação realizada onde se procura responder às questões derivadas, e à questão central deste trabalho, através da confirmação ou infirmação das hipóteses levantadas.

Tendo em conta que seria impossível a realização do trabalho sem o contributo de outras investigações, obras e documentos realizados por outros autores, apresentamos por último as referências bibliográficas, os apêndices e anexos.

CAPÍTULO 2

REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Armas Anticarro

2.1.1. Gênese Armas Anticarro

O ME 3-00-16¹ (2011) diz-nos que, o processo de evolução do armamento conheceu enormes desenvolvimentos ao longo do Século XX, em especial durante a I e a II Grandes Guerras. Se a I Grande Guerra fez surgir o Carro de Combate, já a II Grande Guerra fez surgir, no que concerne à luta ACar, sistemas de armas mais eficazes, mais leves e mais completos que viriam a mudar o paradigma da luta ACar.

Marracho (2010) refere que o aparecimento do Carro de Combate impôs naturalmente, a adoção duma arma capaz de se lhe opor. Surge assim um novo Sistema de armas, as armas anticarro, armas essas que inicialmente, disparavam projéteis pesados, por intermédio de tiro tenso, animados de grande velocidade inicial e que possuíam grande poder de penetração.

Ogorkiewicz (1991) diz-nos que, no decorrer da 1ª Guerra Mundial, aquando do surgimento do Carro de Combate, o sistema de armas ACar mais evoluído e adaptado à luta ACar era a própria Artilharia. Contudo a Alemanha para combater os CC, desenvolveu uma peça de 37mm que disparava projéteis maciços, capazes de perfurar placas de blindagem de 40mm. Este sistema de armas ACar era todavia bastante pesado, de difícil transporte e dependia de uma elevada guarnição para ser operado.

Até à data de início da 2ª Guerra Mundial, entre o armamento anticarro mais vezes utilizado em conflitos localizados, pontificava a artilharia, seguida pela aviação sendo que por extensão, estes meios eram complementados por um outro leque de sistemas de armas, que começava pelas próprias peças dos CC, pelas espingardas anticarro

¹ Manual Escolar 3-00-16, 2011

(14mm/14,5mm), pelos canhões anticarro, pelas equipas de luta imediata anticarro, pelos campos de minas e pelos obstáculos anticarro naturais e/ou artificiais.

Ogorkiewicz (1991) diz-nos ainda, (no que concerne à utilização de forças blindadas e respetiva luta ACar), que o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 é marcado pelo facto de Alemanha utilizar uma poderosa força blindada apoiada diretamente por fogos da artilharia e da aviação, que neste contexto apoiavam inclusive, a luta contra forças blindadas que se lhes pudessem opor, luta ACar.

Durante a II GG a evolução dos CC foi notável. Se no início os carros pesavam cerca de 15 toneladas, no final desta guerra tínhamos carros a pesar 70 toneladas com blindagens que variavam entre os 40mm e os 185 mm, como era o caso do Tiger II de origem Alemã. Face à evolução dos CC, as armas ACar também evoluíram, e se no início do conflito tínhamos por seu turno, armas bastante pesadas e volumosas, com calibres entre os 25 a 57mm que disparavam munições perfurantes de aço maciço e perfurantes explosivas com espoleta de base, no final do conflito encontramos armas mais leves e eficazes, sendo representantes desta evolução os **Canhões sem Recuo**. A evolução dos meios ACar continuou ao longo dos anos, motivada pelo escalar da Guerra Fria, que no contexto da luta ACar atinge o pico do seu desenvolvimento na década de 60 com o desenvolvimento dos Lança-Granadas-Foguete e do Míssil ACar.

Atualmente, segundo Marracho (2010) existem quatro tipos de armas ACar: o **Lança-Granadas-Foguete**, o **Míssil ACar**, as **Minas ACar** e os **Canhões Sem Recuo**.

2.1.2. Categorização das Armas Anticarro

Marracho (2010) diz-nos que a evolução e o desenvolvimento dos Sistemas de Armas ACar introduziram três conceitos basilares de operabilidade dos meios e armas ACar. Estes conceitos de operabilidade distinguem o efeito dos diferentes sistemas de Armas ACar sobre os seus alvos, pelo raio de ação e alcance das armas que os comportam. Estes conceitos de operabilidade dos meios e armas ACar designam-se como Armas ACar Pesadas - Heavy Anti tank Weapon (HAW); Armas ACar Médias - Medium Antitank Weapon (MAW); e Armas ACar Leves - (Light Antitank Weapon) (LAW)².

² O mesmo autor especifica ainda que a tríade HAW, MAW e LAW, atualmente no exército Português, assentam no TOW1, MILAN e M72 LAW.

O Manual MAGTF³ Antiarmor Operations (1998), refere que as armas ACar são categorizadas pelo alcance e não pelo peso, tal como é protagonizado por Marracho (2010), resultando aqui a ressalva de que esta categorização se impõe pelo alcance dos meios ACar e não pelo peso que comportam.

Na categorização pelo alcance das armas ACar, surge a necessidade de delimitar quais os valores que separam as três categorias HAW, MAW e LAW, para tal e utilizando o Manual do Sistema Lança Misseis Milan (1998), como referência, podemos ver que: armas de curto alcance têm um alcance máximo até aos 500/600 m; as armas de médio alcance têm um alcance máximo até aos 1800/2000 m; as armas de longo alcance têm um alcance máximo capaz de ultrapassar os 5 Km (EPI, 1998).

No que concerne à definição e distinção dos diferentes sistemas de armas ACar, Marracho (2010) diz-nos portanto que existem quatro tipos de armas ACar: **Minas ACar**, os **Canhões Sem Recuo**, o **Lança-Granadas-Foguete**, o **Míssil ACar**.

No que concerne à utilização de minas ACar há a referir que estas, estão vocacionadas para destruir ou danificar veículos carros de combate entre outras viaturas blindadas (Way, 2008).

No que diz respeito aos canhões-sem-recuo, estes são armas de fogo capazes de disparar um projétil não auto propulsado, no qual a própria fonte de energia que lhe garante movimento, vai produzir uma força equilibrada da ação de recuo, sem exercer qualquer ação sobre o dispositivo da arma. São exemplos deste sistema de armas o canhão sem recuo 90 mm M67 e o canhão sem recuo 106mm M40 (Marracho, 2010).

Este sistema de armas é normalmente incluído nos conceitos de operabilidade de LAW e MAW.

No que concerne aos Lança Granadas-Foguetes (LGF), verificamos que estes são um Sistema de Armas, em que o agente propulsor está dentro da própria arma, e não no projétil. São exemplos de LGF, o INSTALAZA M/959, o RPG-7 e o LGF 66mm M72 A2 LAW. Este sistema de armas é normalmente incluído nos conceitos de operabilidade de LAW (Marracho, 2010).

No que diz respeito aos Misseis, há a considerar que estes se definem como veículos não tripulados ou projéteis que se deslocam no espaço contendo em si os meios necessário para controlar a sua rota (Manual Curso Inst SLM TOW, s.d).

³ Marine Anti-Ground Task Force

Os métodos de propulsão e guiamento dos mísseis ACar são categorizados em 3 instâncias, designadas por gerações. Desta forma os mísseis podem ser categorizados como Mísseis de 1^a, 2^a ou 3^a geração (Marracho, 2010).

Os Mísseis de 1^a Geração são mísseis de Comando Manual (MACLOS). Este género de mísseis são uma categoria de engenhos ACar cujo guiamento se faz manualmente, não podendo o apontador perder o míssil de linha vista, tendo que manter uma posição ideal relativamente ao alvo (Manual Curso Inst SLM TOW, s.d).

Os mísseis de 2^a Geração são engenhos que utilizam por seu turno um guiamento semiautomático (SACLOS). Através de um sistema eletrónico que utiliza raios infravermelhos, o apontador limita-se a apontar o eixo ótico do aparelho de pontaria ao alvo e as correções são dadas automaticamente pelo fio (Manual Curso Inst SLM TOW, s.d).

Os misseis de 2^a Geração Avançada são engenhos ACar que utilizam tecnologia intermédia entre as 2^a e 3^a geração, em que o apontador mantém o retículo no alvo e este é iluminado por um feixe laser que guia o míssil (Manual Curso Inst SLM TOW, s.d).

Os misseis de 3^a geração são engenhos ACar que se distinguem das anteriores gerações de mísseis pelos seguintes aspetos: a supressão de fios para transmissão de ordens, uma maior velocidade transpondo a velocidade do som, a segurança nas comunicações entre o sistema lançador e o míssil com emissões codificadas e a iluminação do alvo, ou seja, o alvo é marcado e será este (o Alvo) que atrairá o míssil até ele (ACLOS), daqui nasce o termo “fire and forget”⁴. Desta forma o apontador limita-se a marcar o alvo uma só vez e a disparar o míssil. Estes sistemas de armas são normalmente incluídos nos conceitos de operabilidade de LAW, MAW e HAW (Marracho, 2010).

2.1.3. Capacidade Anticarro Atual

Após um aturado estudo e pesquisa, denotou-se que os países que mais investiram na evolução do armamento e doutrina anticarro foram os EUA, a Rússia a França e Israel. Assim podemos avaliar duas doutrinas, até há pouco tempo, antagónicas (caso dos E.U.A e da Rússia) e analisar o caso da França, cujas armas ACar equipam vários Exércitos a nível

⁴ Segundo o FM 3-22.37, (2003) “fire and forget” é a capacidade que o míssil tem de guiar-se a si próprio até ao alvo.

mundial, e Israel que se tornou numa potência a nível da evolução do armamento devido à conjuntura atual que envolve este país.

Antes de passarmos à análise da Capacidade Anticarro dos países referidos acima, torna-se necessário perceber o conceito “Capacidade”, para que entendamos e tenhamos uma perceção ampla no que concerne à terminologia “Capacidade Anticarro”.

Segundo o dicionário Porto Editora (1996), o termo Capacidade refere-se à “Possibilidade de fazer alguma coisa”, este termo segundo Bowyer (2004), “Capability” é a “prontidão para fazer algo”⁵.

Daqui podemos retirar que “Capacidade” é a “possibilidade/prontidão para executar algo”.

2.1.3.1. E.U.A.

No sítio oficial do Exército Norte-Americano, Army (2012), os Sistemas Lança Mísseis (SLM) utilizados são o SLM TOW⁶, o SLM JAVELIN⁷, o M136 AT-4⁸ e o M72 LAW⁹, correspondendo respetivamente ao conceito de HAW, MAW e LAW.

A plataforma mais utilizada para o lançamento destes sistemas de armas é a viatura M1134 8*8 Stryker Anti-Tank Guided Missile¹⁰ (FM 3-21.11, 2003).

Sendo a BrigInt estruturada com uma base doutrinária inspirada na Brigada Stryker, como iremos ver mais à frente, segundo o FM 3-21.11 (2003) os meios ACar da Brigada Stryker estão centralizados numa Companhia ACar sendo esta constituída por 3 PelAcar equipados com três viaturas blindadas TOW, e nos Batalhões de Infantaria, existindo 1 homem de cada esquadra de nove homens equipado com SLM JAVELIN nos PelAt das Companhias de Atiradores.

Segundo o FM 23-34 (2003), o SLM TOW é uma SLM usado para a aquisição e ataque a alvos blindados a longas distâncias, identifica-se como uma arma pesada, coletiva com uma guarnição de 4 homens, desenvolvida em França.

TOW é o acrónimo da palavra inglesa que descreve o princípio de operação do míssil - “Tube-Launched Optically-Tracked Wire-Command”.

⁵ Tradução livre, à responsabilidade do autor.

⁶ Ver Anexo A.

⁷ Ver Anexo B.

⁸ Ver Anexo C.

⁹ Ver Anexo D.

¹⁰ Ver Anexo E.

O FM 3-22.37 (2003) que descreve o SLM de médio alcance JAVELIN¹¹, diz-nos que este SLM é um sistema de armas da tipologia “fire-and-forget”, disparado pelo ombro, portátil e reutilizável.

Este SLM é constituído por um sistema de guiamento, uma secção intermédia, uma ogiva, uma secção de propulsão e outra de controlo. O alcance máximo é de 2000 metros. A munição é um míssil que assenta sobre uma plataforma de lançamento, plataforma essa, que também serve de contentor de transporte do míssil (FM 3-22.37, 2003).

O M72 LAW é uma arma ACar leve e consiste numa granada-foguete contida num lança granadas que serve ao mesmo tempo de embalagem. Este sistema de armas foi criado no início da década de 1960 para uso contra os carros de combate dessa época (FM 3-23.25, 2001).

Segundo o FM 3-23-25 (2001), o M136 AT-4 é uma arma ACar leve e consiste num cartucho tipo foguete estabilizado inserido num tubo expansível de fibra de vidro, de uma única peça. Esta arma é portátil e individual. Na utilização desta arma o utilizador deve estar em linha de vista com o alvo e, ao contrário do M72-SERIES LAW, não necessita de ser expandido antes da sua utilização, mas necessita de ser acoplado um sistema de comando e controlo de tiro.

Este sistema de armas foi criado no final da década de 1980 para uso contra blindagem mais recentes e veículos ligeiros blindados, até um alcance máximo de 1000 metros (FM 3-23.25, 2001).

Segundo o FM 3-21.91 (2002), a viatura M1134 8*8 ATGM integra dois sistemas: o General Dynamics Land System e SLM TOW para viaturas de combate de Infantaria de Rodas. Este SLM tem dois tubos de lançamento e um mastro elevado de 0,5 metros acima do chassi. A tripulação sendo constituída por três pessoas está sempre dentro da viatura.

Escalpelizadas as armas ACar, equipamento e analisada a constituição da força, ir-se-á observar a doutrina ACar existente neste país, expondo os métodos de emprego e princípios da luta ACar.

Segundo o FM 3-21.91 (2002), que versa o emprego tático dos PelACar e Companhias ACar, os sistemas anticarro no campo de batalha, acompanham as forças de infantaria, cavalaria e elementos das armas combinadas, sendo que uma força deste tipo deve ser utilizada preferencialmente numa base de fogos, pois os fogos em massa e em intensidade são as características chave deste tipo de força.

¹¹ Ver Anexo E.

O FM 3-23.37 (2003), por seu turno acrescenta que as armas ACar devem ser empregues tendo em conta sempre os fatores de decisão militar. A partir destes fatores são identificadas, por exemplo, as tarefas críticas do SLM JAVELIN que se traduzem da seguinte forma: através da câmara térmica deteção, classificação, reconhecimento e identificação do alvo, executar cartas de tiro, identificar eixos de aproximação inimigos e referir pontos de referência.

Os princípios de emprego de uma força ACar, segundo o FM 3-23.37 (2003), são: o apoio mútuo, em que uma força, caso seja atacada e obrigada a retirar ou a reposicionar-se, deverá existir sempre uma outra força que garanta a sua retirada ou reposicionamento fazendo fogo contra o Inimigo; a segurança, as unidades anticarro, deverão estar colocadas perto de unidades de infantaria para as proteger de possíveis ataques blindados do inimigo; o envolvimento pelo flanco, o posicionamento das armas anticarro deve ser de flanco para as unidades blindadas pelas seguintes razões: a blindagem dos veículos é melhor à frente, a guarnição e as armas das viaturas são normalmente orientadas para a frente, os envoltimentos pela frente aumenta a probabilidade de deteção e de supressão e os veículos blindados são alvos mais pequenos de frente; o “Stand Off Range”, entende-se pela diferença entre o alcance máximo das armas amigas e o alcance máximo efetivo das armas inimigas; a cobertura e dissimulação, são princípios críticos para uma força deste género, ou seja, cobertura é a capacidade de proteção dos efeitos dos fogos diretos e indiretos do Inimigo e a dissimulação é a capacidade de proteção à observação inimiga; o emprego na profundidade, tanto numa operação defensiva como numa operação ofensiva, as armas anticarro deverão estar colocadas em profundidade de forma a atacarem as forças da frente do ataque Inimigo; quando empregues as armas anticarro, os seus comandantes deverão ter em atenção a dispersão das armas, o terreno e a colocação das armas nos flancos ao movimento do Inimigo.

2.1.3.2. Rússia

No FM 100-63 (1996) vemos que os Regimentos de Atiradores Motorizados¹², relativamente a meios ACar de rodas, têm como principais unidades os Batalhões de Atiradores Motorizados e a Bateria Anticarro.

¹² São analisados os Regimentos porque o Exército Russo não se organiza em Brigadas.

Nos Batalhões de Atiradores Motorizado a capacidade ACar centra-se nos PelAt, que são equipados com RPG-7¹³ e no PelACar, com 3SLM AT-7¹⁴ das Companhias de Atiradores e ainda no PelACar do Batalhão, onde se encontram 4 AT-4SPIGOT¹⁵ e 2 RPG-7.

Na Bateria Anticarro a capacidade ACar encontra-se no equipamento dos Pelotões de Fogo, que são 9 viaturas 9P134, 4*4 equipadas com SLM longo alcance AT-5 e 12 RPG-7 (FM 100-63, 1996).

As viaturas 9P134, 4*4, chegam a pesar 7.7 toneladas, tem 140 cavalos, conseguem atingir os 100 km/h e percorrer 750 km sem ser reabastecidas de gasóleo, têm uma guarnição de três pessoas e como equipamento principal o SLM longo alcance AT-5. Esta foi introduzida no Exército Russo em 1977 (Redman, 1999).

O SLM AT-7 é descrito por Redman (1999), como um SLM de curto alcance, filo guiado, com um alcance máximo de 1000 m, com necessidade de 2 homens para ser operado e pode pesar entre 5 a 20 kg.

O SLM de médio alcance AT-4 SPIGOT tem um alcance máximo de 2000 m, é filo guiado e surgiu no ano de 1973. Com isto, deve-se ainda ressaltar que não é o mesmo que o M136 AT-4 utilizado pelo Exército Norte-americano (Redman, 1999).

O SLM AT-5 é um SLM de longo alcance, filo guiado, pesado, e o seu funcionamento e capacidades são idênticas ao do já falado AT-4, divergindo apenas no alcance máximo que é 4000m (Redman, 1999).

O RPG-7 é uma arma de ombro, carregada pela frente da arma, na qual a parte anterior do cano segue o princípio dos tubos de Venturi¹⁶ (Redman, 1999).

Para Marracho (2010) o princípio de funcionamento deste tipo de arma é a propulsão-foguete, que se baseia, na conservação do momento linear¹⁷.

Relativamente à doutrina de emprego das armas anticarro, baseamo-nos, no manual do Inimigo genérico da EPI (2004), pois representa a doutrina utilizada pelo Exército da ex-URSS, e este diz-nos que se devem ter em conta vários aspetos quando empregamos as armas ACar como: os pontos fortes das subunidades deverão conter armas anticarro bem instaladas; as emboscadas anticarro deverão ser previstas ao longo das posições defensivas;

¹³ Ver Anexo F.

¹⁴ Ver Anexo G.

¹⁵ Ver Anexo H.

¹⁶ Tubos Venturi consistem em planos inclinados em forme de tronco de cone, que através dos gases gerados, estes exercem pressão igual em todos os sentidos e os que atuam sobre o projétil impelem-no (Marracho, 2010).

¹⁷ É a quantidade do movimento dum determinado corpo numa determinada direção, que se traduz pela expressão $Q=M.V$ (Quantidade movimento linear(Q) = massa do corpo (M). velocidade do corpo (V)).

as reservas anticarro deverão ser dispostas de forma a fazer face a possíveis penetrações do inimigo; os CC deverão ser colocados em segundos escalões para reforçar os primeiros escalões ou para executar contra-ataques.

2.1.3.3. França

No site do exército francês, Armée de Terre (2012) diz-nos oficialmente que as ACar são: o SLM TOW, JAVELIN, MILAN¹⁸, ERYX¹⁹ e o veículo blindado de rodas ACar utilizado é o VBCI²⁰ 8*8 Eryx.

Da organização do Exército Francês as unidades de Infantaria de Rodas que possuem capacidade ACar, semelhante à da Brigada de Intervenção, são as unidades dos Regimentos de Infantaria 35 da Brigada Blindada, que são constituídas por 4 Companhias de Combate, uma Companhia de Reconhecimento e Apoio de Combate, uma Companhia de Comando e Logística e uma Companhia de Reservistas. E é na Companhia de Reconhecimento e Apoio de Combate que se encontram as forças munidas com armas anticarro, que são as secções ACar de médio alcance MILAN e nas secções de Reconhecimento Regimentais (Armée de Terre, 2011).

As características do TOW e JAVELIN, já foram alvo de análise, com isto, ir-se-á analisar de seguida o SLM MILAN e o SLM ERYX.

Segundo o manual do SLM MILAN (1998), MILAN (MISSILE INFANTRIE LEGER ANTICHAR) é um sistema ACar de médio alcance, ou seja, o seu alcance máximo é de 2000 m, de 2ª geração, filo guiado e portátil desenvolvido e comercializado pelo grupo económico europeu EUROMISSILE.

Relativamente ao SLM ERYX, segundo a Army-technology (2011), consiste num SLM, cujo míssil filo guiado é transportado dentro do tubo. Durante a sua utilização é necessário um posto de tiro que redireciona o SLM em direção ao alvo. O míssil pode ser configurado e pronto a disparar em 5 segundos. Existe a possibilidade de ser disparado dentro de compartimentos e durante o voo do míssil, o atirador deve manter apenas o cursor sobre o alvo.

¹⁸ Ver Anexo I.

¹⁹ Ver Anexo J.

²⁰ Véhicule Blindé de Combat d'Infanterie.

Segundo Bertolin (2004), a viatura VBCI 8*8 Eryx, tem como equipamento principal o SLM de curto alcance ERYX. Esta viatura pronta para combate pesa 28 toneladas, tem 560 cavalos, consegue atingir os 100 km/h e percorrer 750 Km sem ser reabastecido de gásóleo e atua sempre juntamente com carros de combate. Tem ar condicionado, proteção NBQ²¹ e proteção de vibrações e de som entre outras características.

Relativamente à doutrina, segundo Semianiw (1999), o Exército Francês é um Exército de Armas Combinadas, no qual deixou de existir as unidades puras em infantaria ou cavalaria, passando a existir uma unidade com elementos oriundos quer de uma arma quer de outra.

O mesmo autor enumera vários princípios para o emprego das armas combinadas, como: a Intensidade que a uma luta pode ter, num momento pode ser de uma maneira noutro pode ser totalmente diferente, por isso o comandante de qualquer força deve controlar sempre a sua força e garantir que se cumpram sempre as regras de empenhamento; o Realismo, que deve ser aplicado no treino das forças. Durante o treino o Inimigo deve ser reativo, existir a manobra e a agressividade suficientes para que os objetivos táticos e técnicos sejam atingidos e compreendidos; as Armas Combinadas, com os meios misturados aparecem necessidades múltiplas a nível logístico, na qual o comandante deve ter a capacidade e os métodos pedagógicos necessários para fazer face a essas carências; a Pedagogia está interligada ao controle e ao aconselhamento dos homens, com o objetivo final de atingir progresso da força.

2.1.3.4. Israel

Segundo Área militar (2006), em 14 de maio de 1948 deu-se a invasão de Israel pelos exércitos da Síria, Jordânia, Líbano, Iraque e Egipto. Embora em enorme desvantagem este país com ajudas externas conseguiu resistir.

Desde então, e com a criação das Forças Armadas, Israel apostou na melhoria da qualidade dos seus meios e equipamentos militares, tanto do ponto de vista técnico como tecnológico. Com isto, pode-se considerar que Israel dispõe de um dos mais poderosos exércitos do mundo.

²¹ Nuclear, Biológica e Química.

Seguindo a linha de pensamento do ponto anterior, sentiu-se a necessidade de analisar o armamento a nível ACar e a forma como empregam estes meios, visto ser uma das potências mundiais a nível militar.

Segundo o INSS²² (2012), existem os seguintes SLM ACar israelitas: SPIKE²³, TOW e MAPATS SP.

O SLM SPIKE, segundo a Army-technology (2012), existe em quatro versões: a versão SR (Short Range) com alcance máximo de 800 m, a versão MR (Medium Range) com 2000 m, a versão LR (Long Range) com 4000 m de alcance máximo e ainda a versão ER (Extended Rang) com 8000 m. Este SLM foi concebido para fazer fogo em menos de 30 segundos, é “fired and forget” e todas as versões são portáteis exceto a versão ER.

O SLM de longo alcance MAPATS SP, segundo a publicação JANE’S (2005) foi apresentado em 1984, é um sistema “fired and forget” com capacidade de visão noturna, que pode ser utilizado montado em viaturas, helicópteros e a partir do solo. A sua aparência é muito semelhante ao SLM TOW, mas tem um alcance máximo de 5000 m. Para além de ser uma arma ACar, também é possível utilizá-la contra helicópteros que voem lentamente a baixas altitudes.

2.2. Brigada de Intervenção

2.2.1. Génese da Brigada de Intervenção

Com a criação do Decreto-Lei nº 61/2006 de 21 de março, que teve como objetivo fazer face à nova tipologia de Forças Ligeiras, Forças Médias e Forças Pesadas, surgiram assim a Brigada de Reação Rápida, a Brigada de Intervenção e a Brigada Mecanizada respetivamente. Isto veio em encontro da criação “de uma Força Operacional (FOPE) com as valências da projeção, da mobilidade, da prontidão, da modularidade, e da capacidade de planeamento e execução também em ambiente internacional, conjunto e combinado.” (DIAS, 2006, p. 16).

De acordo com o Plano de Médio e Longo Prazo do Exército (PMLP) 2007-2024, de 24 de julho de 2007, a BrigInt passa a configurar-se como uma Brigada média. Para tal,

²² Institute for National Security Studies.

²³ Ver Anexo K.

o objetivo principal, era levantar de forma progressiva, contínua, por unidades constituídas e de modo conjugado nas unidades de manobra, de apoio de combate e de apoio de serviços em conformidade com o programa de aquisição das VBR, nisto num prazo já ultrapassado que seria dezembro de 2010.

Segundo Moreno (2010), a Brigada de Intervenção constitui-se com base na nova doutrina norte-americana conhecida por *Stryker Brigade*, que é uma referência notável no processo evolutivo de modernização da Brigada de Intervenção. Estas unidades têm como característica geral a capacidade de operar de forma a dar resposta a qualquer tipo de missão.

2.2.2. Propósito da Brigada de Intervenção

No livro da Brigada de Intervenção vemos que a missão da Brigada é “ participa na defesa do Território Nacional, na satisfação dos compromissos internacionais assumidos pelo País e em outras missões de interesse público.” (Rodrigues, 2010, p.11).

Ainda no livro da Brigada, vemos que esta é constituída por um Comando (Cmd) e Companhias de Comando e Serviços (CCS) sediado em Coimbra, pelo 1º Batalhão de Infantaria (BI) sediado em Vila Real no RI 13, pelo 2ºBI sediado em Viseu no RI 14, um Grupo de Autometralhadoras (GAM) sediado em Braga no RC6, um Grupo de Artilharia Campanha (GAC) sediado em Gaia no RA 5, um Esquadrão de Reconhecimento (ERec) sediado em Braga no RC 6, uma Bateria de Artilharia Antiaérea (BtrAAA) sediada em Queluz no RAAA1, um (BApSvc) sediado em Vila Real no RI 19, uma Companhia de Transmissões (CTm) sediada no Porto na EPT e uma Companhia de Engenharia (CEng) sediada em Espinho no RE 3.

Tendo em conta o objeto de estudo neste trabalho, ir-se-á analisar a articulação da Força focando os Batalhões de Infantaria e os meios ACar nestes existentes.

Segundo os Despachos n. °24.0.12 e 24.0.11 aprovados em agosto de 2009, os Quadros Orgânicos dos BI dos RI 14 e RI 13 têm a mesma missão, possibilidades, capacidades, organização, tipologia, conceito de emprego, pressupostos de organização e limitações²⁴. Ambos são constituídos por um Comando, um Estado-maior, três

²⁴ Ver Anexo M.

Companhias de Atiradores (CAAt), uma Companhia de Apoio de Combate (CAC) e uma Companhia de Comando e Serviços (CCS).

A CCS é composta por um Comando, um Pelotão Sanitário, um Pelotão de Transmissões, um Pelotão de Reabastecimento e Transportes e um Pelotão de Manutenção.

As CAAt têm como composição um Comando e Secção de Comando, uma Secção de Transmissões, uma Secção de Manutenção, três Pelotões de Atiradores (PelAAt) e uma Secção Canhão (SecCan).

A CAC é constituída por um Comando e Secção de Comando, uma Secção de Manutenção, uma Secção de VCB²⁵, uma Secção mini UAV²⁶, **um PelACar**, um PelRec e um Pel Mort Pes.

2.2.3. Meios e Emprego dos Meios ACar da BrigInt

Os meios ACar da Brigada encontram-se no GAM, no ERec, no 1º e 2º BI.

No que diz respeito ao GAM, segundo o Despacho n.º 24.0.13, aprovado em agosto 2009, os meios ACar encontram-se nos Esquadrões de Autometralhadoras (EAM) e no Esquadrão de Apoio de Combate (EAC).

Nos EAM, temos 6 SLM de médio alcance nas SecCan e no EAC temos 2 SLM de Médio Alcance e 2 SLM de curto alcance no Pelotão de Exploração, 4 SLM de longo alcance no PelACar.

No ERec segundo o Despacho n.º 24.0.15, aprovado em agosto 2009, os meios ACar encontram-se nos PelRec, existindo 6 SLM de longo alcance e 3 SLM de curto alcance.

Relativamente às armas ACar dos BI, através dos despachos n.º 24.0.12 e 24.0.11 de 2009, vemos que as armas ACar encontram-se nas CAAt e na CAC.

Nas CAAt, temos 27 SLM de curto alcance nas Secções de Atiradores dos PelAAt e 6 SLM de médio alcance nas SecCan, na CAC temos 2 SLM de médio alcance e 2 SLM de curto alcance no Pelotão de Reconhecimento e 4 SLM de longo alcance no Pel ACar.

Rodrigues (2010) diz-nos que, desde 2006, a VBR escolhida para reequipar esta Brigada é a viatura PANDUR II 8*8.

²⁵ Vigilância do Campo de Batalha.

²⁶ Unmanned Aerial Vehicle.

Segundo o manual VBR 12,7 mm PANDUR II 8*8 (2008) a VBR Porta Míssil Anticarro²⁷ será equipada com um SLM TOW Improved Target Acquisition System (ITAS), dispondo de um lançador instalado num pedestal, montado numa plataforma rotativa e com campo de tiro de 360°. Em complemento do sistema de proteção coletiva NBQ, dispõe de sistema de proteção individual, recorrendo a máscaras compatíveis com a utilização do sistema de armas, ligadas ao referido sistema, garantindo a sobrevivência do pessoal durante e após a utilização da arma principal.

Os SLM não estão identificados em quadro orgânico, no entanto tendo como base o site do Exército Português, vemos que os SLM de longo e médio alcances existentes em Portugal são, respetivamente, o SLM TOW e o SLM MILAN.

Após análise da descrição dos meios ACar dos Batalhões, é no PelACar das CAC, que se encontram as armas ACar com maior alcance e por conseguinte com maior capacidade. Este pelotão é constituído por 4 SecACar, sendo uma destas a viatura de comando, onde faz parte da guarnição o Comandante de Pelotão e tem como equipamento, 4 VBR²⁸ Míssil ACar, 8 pistolas, 16 Espingardas Automáticas, 4 Metralhadoras Pesadas, 4 SLM ACar de Longo Alcance, 1 E/R VHF/UHF²⁹ e 4 E/R HF/VHF³⁰.

Segundo o Manual do Batalhão de Infantaria (2001) este pelotão tem como missão principal destruir as viaturas blindadas do inimigo e como missões ulteriores bater outras viaturas, posições fortificadas, armas coletivas e outros objetivos pontuais.

Os métodos de emprego do PelACar são: em Ação de Conjunto (A/C), para reforçar, ou em alternativa em Apoio Direto (A/D), sendo colocado em controlo operacional de uma Companhia de Atiradores (EPI, 2001).

O pelotão deve ser mantido em A/C apenas quando as características do terreno e a modalidade de ação aprovada permitam o Cmdt do PelACar exercer um controlo centralizado sobre todos os deslocamentos bem como dos fogos do pelotão (EPI, 2001).

Em A/D, o número de Secções a atribuir a uma determinada Companhia depende do número estimado de viaturas blindadas inimigas com que esta possa vir a deparar-se, do alcance máximo que as viaturas inimigas possam ser batidas e ainda do número de carros de combate, que sejam dados de reforço a essa Companhia (EPI, 2001).

O Comandante de Batalhão poderá assim reforçar o potencial anticarro dos elementos de manobra, ao mesmo tempo que, tem sob o seu controlo um elemento de

²⁷ Ver Anexo L.

²⁸ Viaturas Blindadas de Rodas.

²⁹ Emissor Recetor Very High Frequency/ Ultra High Frequency.

³⁰ Emissor Recetor High Frequency/ Very High Frequency.

apoio de fogo direto que poderá influenciar o decorrer do combate. Normalmente, o PelACar é empregue combinando os dois métodos (EPI, 2001).

2.3. Conclusões sobre o Estado de Arte

Uma vez mais e tendo em vista a consecução dos objetivos propostos com a realização deste trabalho, torna-se relevante a compreensão da corrente conceptual erigida, uma vez que esta serviu como a base de referência na construção de uma entrevista, instrumento metodológico utilizado, para alcançar os resultados produzidos com o trabalho de campo realizado, que mais à frente serão apresentados.

Indo de encontro ao que Marracho alude no Manual de Sistemas de Armas de Infantaria, compreendemos que existem quatro tipos de armas: o canhão sem recuo, o Lança-Granadas-Foguete, o Míssil ACar e as minas ACar que estão paralelamente ligadas aos grupos HAW (Heavy Anti Tank Weapons), MAW (Medium Antitank Weapon) e o LAW (Light Antitank Weapon).

Analisando a categorização dos mísseis e a sua evolução podemos retirar que os mísseis mais atuais são aqueles com sistema “fire and forget”, sem a necessidade de utilização de fios no guiamento do míssil até ao alvo.

Comparando a capacidade ACar a nível de organização das forças da Brigada Stryker, do Regimento de Atiradores Motorizado e da Brigada de Intervenção. Na Brigada Stryker os meios e equipamentos ACar encontram-se nos Batalhões de Infantaria, e numa Companhia Anticarro constituída por 3 PelACar. Nos Regimentos de Atiradores Motorizado, do Exército Russo, os meios ACar encontram-se nos PelAt e no PelACar das Companhias de Atiradores dos Batalhões de Atiradores Motorizados, no PelACar do Batalhão Motorizado e ainda numa Bateria Anticarro. Na Brigada de Intervenção os meios ACar encontram-se nos PelAt, nas SecCan, no PelACar e PelRec dos BI, nas SecCan, PelExpl, PelACar e PelRec do GAM e nos PelRec do ERec.

Com esta comparação podemos aferir que a Brigada tem a ausência de uma unidade de escalão superior a Pelotão, com capacidade ACar própria, por exemplo uma Companhia ACar.

Após a análise dos QOM das diferentes unidades da Brigada de Intervenção é comum a todas o Sistema Lança Mísseis de curto alcance, e tendo como base o site do Exército Português não existe em Portugal nenhuma arma ACar deste tipo.

Confrontando a capacidade ACar a nível de meios e mais precisamente de SLM entre os Países analisados, podemos ver na Figura 1, que Portugal não possui SLM de 3 geração e de alcance superior a 3750m.

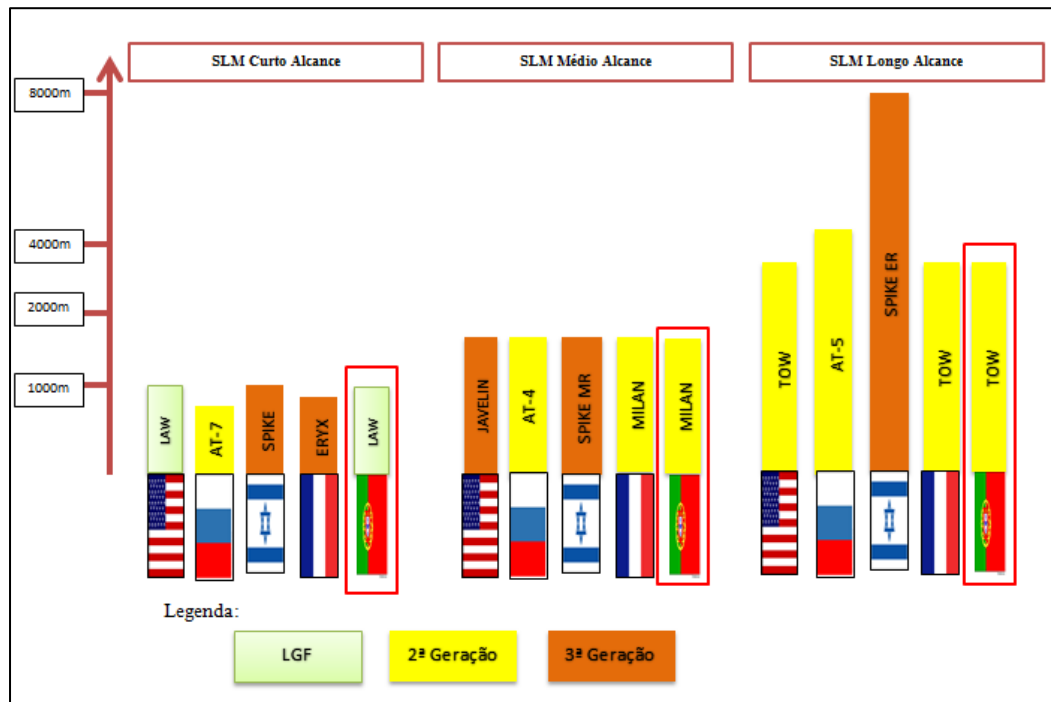


Figura 1 – Síntese Pictórica das Conclusões sobre o Estado de Arte

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1. O Objeto de Estudo

3.1.1. Finalidade do Estudo

Para o efeito do estudo a realizar foi adotado, (de entre as enumeras definições sobre o conceito de Capacidade que ao longo do Capítulo 2 foi analisado), o conceito de capacidade protagonizado por Bowyer (2004) e no dicionário Porto Editora (1996), segundo o qual, “possibilidade/prontidão para executar algo”.

A definição enunciada vai de encontro à linha conceptual de leitura apresentada neste trabalho a qual enquadra o conjunto de meios, equipamentos e sistemas de armas como uma capacidade, na medida da possibilidade do seu potencial de emprego.

Depreendendo os pressupostos dos parágrafos anteriores e indo ao encontro do conjunto de conhecimentos adquiridos, expressos na revisão de literatura, é finalidade deste trabalho de investigação:

- Apurar um conjunto específico de potencialidades que a capacidade ACar, no seu conjunto de meios, equipamentos e sistemas de armas oferece aquando do seu real emprego tático.
- Apurar um conjunto específico de vulnerabilidades que a capacidade ACar, no seu conjunto de meios, equipamentos e sistemas de armas oferece aquando do seu real emprego tático.
- Desenvolver um estudo de modo a aferir a perceção dos Oficiais Comandantes aos seus vários escalões, sobre o emprego e importância que a Capacidade ACar oferece e representa no contexto de desempenho das missões atribuídas à Brigada de Intervenção.
- Verificar se os conjuntos de potencialidades e vulnerabilidades apurados são significativamente diferenciados um do

- outro, para que na realidade se produza um quadro conceptual distinto para cada conjunto apurado.

3.1.2. Objeto de Estudo do Trabalho de Campo: O Problema

Para levantar o problema que orientou os estudos sobre a temática abordada, partimos, uma vez mais, para a identificação da questão central deste trabalho de investigação:

1 – “Quais as potencialidades e vulnerabilidades da capacidade Anticarro dos BI da BrigInt no cumprimento da sua Missão?”

Formulado o enunciado da questão central, surgiram algumas interrogações de índole académica, as quais acresciam um agregado de questões em torno da questão central e da temática escolhida, este conjunto de questões, designadas como questões derivadas, assumem o seguinte enunciado:

2 – “Quais as potencialidades dos meios ACar dos BI da BrigInt?”

3 – “Quais as vulnerabilidades dos meios ACar dos BI da BrigInt?”

4 – “Qual será o emprego tático dos meios ACar mais eficiente: a concentração dos meios no Batalhão ou a dispersão dos mesmos pelas Companhias?”

3.1.3. Hipóteses Práticas

Face ao problema, as hipóteses práticas colocadas foram as seguintes:

H1 - As potencialidades dos meios ACar dos BI da BrigInt que mais se destacam pelo seu modo de atuação e emprego são a mobilidade, a autonomia, o alcance das suas armas e a proteção fornecida à Força pelos seus meios.

H2 - As vulnerabilidades da capacidade ACar dos BI da BrigInt que se salientam pelo modo de atuação e emprego dos seus meios refletem-se na sua difícil e morosa manutenção, nas implicações logísticas de mobilidade dos equipamentos e nas limitações do emprego das armas ACar.

H3 - O emprego tático dos meios ACar mais eficiente passa pela concentração dos meios no Batalhão.

3.1.4. Variáveis

A escolha das variáveis para o desenvolvimento deste TIA dependeu em larga medida da escolha do método de recolha de dados. Esta recolha de dados foi levada a cabo por intermédio da aplicação de uma entrevista, sobre um determinado grupo de indivíduos. Estes indivíduos foram por sua vez selecionados, mediante o critério de assunção das seguintes variáveis:

- **Variáveis independentes:**

- **Função:**

- Oficial de Operações do Batalhão de Infantaria;

- Comandante do Esquadrão Reconhecimento;

- Comandante da Companhia de Apoio de Combate;

- Comandante de Pelotão Anticarro;

- Comandante do Esquadrão de Apoio de Combate;

- Comandante da Companhia de Atiradores;

- Comandante do Pelotão Anticarro;

Contexto:

Brigada de Intervenção:

1º Batalhão de Infantaria;

2º Batalhão de Infantaria;

Grupo de Autometralhadoras;

Esquadrão de Reconhecimento;

Brigada Mecanizada:

1º Batalhão de Infantaria Mecanizado;

- **Variáveis dependentes:**

Respostas às entrevistas sobre as potencialidades e vulnerabilidades da capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção.

3.2. Metodologia de Investigação

3.2.1. Introdução

Uma investigação científica baseada numa apurada revisão literária assume logo à partida um valor científico de relevo, uma vez que proporciona às hipóteses formuladas, um bom suporte teórico. Contudo uma investigação científica deverá ter repercussões de ordem prática, pelo que uma investigação científica se deverá apoiar, não só em estudos teóricos, mas também em estudos empíricos, para que estes confirmem ou infirmem, pela experimentação, as hipóteses formuladas mediante o suporte teórico que constitui a revisão de literatura (Flick, 2005).

Neste sentido será conduzido um trabalho de campo (estudo prático) que permitirá confirmar ou infirmar as hipóteses fundamentadas pela revisão de literatura realizada. Para o desenvolvimento deste trabalho de investigação foi utilizado um tipo de análise: a análise qualitativa (análise indutiva).

A investigação é cada vez mais forçada a recorrer a estratégias indutivas, pois em vez de partir das teorias para o teste empírico, o que se exige são conceitos sensibilizadores para abordar os contextos sociais que se pretendem estudar (Flick, 2005).

O estudo aqui realizado utiliza o método científico indutivo, que se fundamenta num raciocínio que parte do particular para o geral (Sarmiento, 2008). De uma forma geral, o método científico utilizado na conceção metodológica deste trabalho, assenta num raciocínio indutivo, o qual nos permite confirmar ou infirmar as hipóteses práticas formuladas sobre o universo estipulado, a partir das respostas de uma amostra representativa desse mesmo universo, ou seja, é a partir dos dados obtidos pela resposta de uma franja representativa da população, que iremos extrapolar, mediante um raciocínio indutivo, conclusões que abrangem todo o universo considerado.

A análise qualitativa realizada neste trabalho de investigação privilegia, a análise documental, a partir da consulta de livros da especialidade, a consulta de documentos militares técnicos sobre a temática abordada, consulta de sítios na Internet, e a consulta de artigos e revistas da especialidade.

Através da análise documental, foi possível encontrar um acervo teórico atual e mais completo sobre a temática abordada, pelo que, do estudo conduzido durante a revisão de literatura, resultam as seguintes conclusões:

- A BrigInt quando comparada com outras Grandes Unidades congéneres, não dispõe de unidades táticas, (de escalão Batalhão ou Companhia), especialmente dedicadas à luta Anticarro, e ao dispor da grande Unidade para que possam ser empregues diretamente pela mesma, em apoio direto ou em ação conjunta com os BI.

O PelACar constitui-se como principal capacidade ACar nos atuais BI da BrigInt;

- Os meios, equipamentos e sistemas de armas ACar, aos vários escalões da BrigInt, não estão plenamente identificados, o que levanta questões de especificação quanto a real capacidade ACar da BrigInt.

É mediante este corpo de conclusões sobre a revisão de literatura, que nós avançamos para a construção de um instrumento de recolha de dados, (Entrevista), que depois de construída, foi ciosamente adaptada segundo a metodologia científica empregue, sendo alvo de um escrutínio de peritos académicos em metodologia científica. Desta forma é fundamentado e construído o instrumento de recolha de dados utilizado no trabalho de campo sendo que este instrumento, antes de ser aplicado foi previamente validado cientificamente e devidamente testado.

As Entrevistas foram desta forma aplicadas a 10 indivíduos, ao Oficial de Operações do 2º BI, Major INF Pedro Costa, ao 2º Comandante da CAC/2BI, Tenente RC Azenha, ao 2º Comandante da 1CAAt/2BI, Alferes RC Currais, ao Comandante de 1CAAt/1BI, Tenente INF Freitas, ao Comandante do PelACar/CAC/2BI, Alferes RC Cunha, ao Comandante da CAC/1BI, Alferes RC Silva, ao Comandante da CAC/1BIMec, Capitão INF Campos, ao Comandante de PelACar/1BIMec, Aspirante RC Amador, ao Comandante do EAC, Tenente de CAV Barroso e ao Comandante do ERec, Capitão de CAV Pires.

3.3. Caracterização da Amostra

Segundo Coutinho (2011), a seleção da amostra seguiu o método de amostragem criterial, que ocorre quando o investigador seleciona segmentos da população para o seu estudo segundo critérios pré-definidos.

Os critérios pré-definidos de seleção da amostra foram as características que os indivíduos partilhavam entre si, como: serem oficiais com conhecimento sobre o emprego dos meios ACar nas unidades da BrigInt e BrigMec.

Com isto, as entrevistas foram realizadas a 10 pessoas, que pela sua experiência profissional, são consideradas especialistas na temática abordada.

No Quadro 1 apresenta-se a amostra onde foi aplicado o Guião da Entrevista “Potencialidades e Vulnerabilidades dos meios ACar dos BI da BrigInt”.

Quadro 1 - Caracterização da Amostra

Entrevista	Posto	Nome
1	Aspirante RC	Diogo Rafael Lima dos Santos Amador
2	Alferes RC	Pedro Miguel Matos da Cunha
3	Alferes RC	Henrique Dinis Pinto da Silva
4	Alferes RC	Hélder Currais
5	Tenente RC	Mauro Filipe Azenha
6	Tenente INF	Tiago Freitas
7	Tenente CAV	João Pedro Filipe Barroso
8	Capitão INF	Fausto Ferreira de Campos
9	Capitão CAV	Tiago Filipe Barreira Pires
10	Major INF	Pedro António Marques Costa

3.4. Local e data da pesquisa

As entrevistas foram realizadas nas seguintes datas e locais: as entrevistas 1 e 8 foram realizadas no dia 27 de junho de 2012, 1º BIMec, Santa Margarida; as entrevistas 2 e 4 foram realizadas no dia 29 de junho de 2012, 2º BI, Viseu; as entrevistas 3 e 6 foram realizadas no dia 3 de julho de 2012, 1º BI, Vila Real; as entrevistas 5 e 10 dia 11 de julho de 2012, 1BI, Viseu; e as entrevistas 7 e 9, no dia 17 de julho de 2012, RC 6, Braga.

3.5. Procedimentos

3.5.1. Recolha de Dados

O percurso metodológico desenhado para a realização deste trabalho de pesquisa conheceu 5 fases até à recolha final de dados. Numa primeira fase, a metodologia aplicada consistiu numa pesquisa bibliográfica e numa consequente revisão literária.

Numa segunda fase, a realização deste trabalho de pesquisa obrigou à construção de um instrumento de recolha e pesquisa de dados, o qual devidamente fundamentado pela pesquisa bibliográfica realizada resultou numa entrevista. Numa terceira fase tornou-se necessária a validação da entrevista, quer quanto à metodologia aplicada quer quanto ao género de conteúdo inscrito na entrevista. Esta validação foi alcançada junto de peritos académicos em Metodologia Científica e junto de especialistas militares em sistemas de armas ACar.

A quarta fase deste trabalho de pesquisa foi conduzida de modo a que a entrevista fosse testada junto de uma população com características semelhantes à população do universo alvo, deste modo a entrevista foi testada em 3 Oficiais de Infantaria do Quadro Permanente.

A quinta fase deste trabalho de pesquisa obrigou a um minucioso trabalho de campo o qual se pautou, pela aplicação da entrevista a 8 Oficiais dos Batalhões de Infantaria e 2 Oficiais da Arma de Cavalaria e posterior análise de dados.

3.6. Instrumentos

O trabalho de investigação aplicada é composto por duas partes distintas: a primeira parte teórica, revisão de literatura (análise documental); a segunda, constituída pela realização e aplicação de entrevistas (análise qualitativa).

A revisão de literatura ajuda a desenvolver o balanço dos conhecimentos relativos ao problema, enquanto os inquéritos alargam ou retificam o campo de investigação das leituras. As leituras fornecem um enquadramento aos inquéritos e estas esclarecem-nos quanto à pertinência desse enquadramento (Quivy & Campenhoudt, 2008), ou seja, ambas são complementares e enriquecem o corpo do trabalho de investigação. Esta revisão de

literatura baseou-se num estudo exaustivo de livros da especialidade, na consulta de documentos militares técnicos sobre a temática abordada, na consulta de sítios da internet e na consulta de artigos e revistas da especialidade.

Na parte prática, a pesquisa e recolha de informação baseou-se na realização de entrevistas, que foram efetuadas aos Oficiais das Armas de Infantaria e Cavalaria das Brigadas Mecanizada e de Intervenção do Exército Português.

Segundo Sarmiento (2008), a metodologia de investigação por entrevista considera opiniões de terceiros sobre o objeto que se investiga. Os objetivos originam hipóteses de investigação, que carecem de confirmação. Assim sendo, a entrevista enquanto instrumento de pesquisa, permite recolher dados, que após a sua introdução numa grelha de análise qualitativa, origina resultados. A interpretação dos resultados gera informação conclusiva conducente à confirmação ou não das hipóteses.

A entrevista é composta por duas partes distintas. A primeira parte é constituída por 4 questões de índole biográfica, com os objetivos de apresentação, explicação, de legitimar e motivar o entrevistado. A segunda parte é constituída por 6 questões com o objetivo de escarpelizar a envolvência dos meios ACar dos BI da BrigInt, começando por questionar quais são os meios ACar que os BI dispõem, posteriormente, identificado o PelACar como a principal unidade com capacidade ACar questiona-se o seu método de emprego, enquadramento organizacional, as potencialidades e vulnerabilidades dos meios ACar, e por fim, apelando à experiência que o entrevistado possui é questionado se faria alguma alteração ao PelACar.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Introdução

Devido à amplitude do tema, tanto a nível técnico como tático, foram selecionadas as pessoas com mais experiência na matéria para que o seu contributo torne o trabalho, o mais fidedigno possível.

Como tal, procurou-se abordar os meios ACar tendo em linha de vista o enquadramento, a empregabilidade, a capacidade e métodos de emprego dos mesmos.

Neste sentido foi elaborada uma entrevista, tendo esta sido aplicada a um dado conjunto de indivíduos cujas funções, de forma direta ou indireta, dizem respeito ao emprego das forças, equipamentos, meios e sistemas de armas ACar.

4.2. Análise das Entrevistas

Para a realização da análise das entrevistas constituíram-se tabelas, uma para cada pergunta, onde se introduziu os pontos de interesse das respostas dos entrevistados.

Com o objetivo de entender melhor quais os meios ACar que os Batalhões de Infantaria dispõem devido à sua especificação nos QOM dos BI, desenvolveu-se a primeira pergunta: **1 - “Quais os meios ACar que o Batalhão de Infantaria/ERec/GAM dispõem, neste momento?”**, daqui desenvolveu-se o Quadro 2.

Quadro 2 - Respostas à pergunta nº1 da Entrevista

Pergunta Entrevistado	Quais os meios ACar que o Batalhão de Infantaria/ERec/GAM dispõe, neste momento?
Cmdt do PelACar no 2ºBI	Acredito que seja só o pelotão ACar neste momento com essa capacidade. E no caso do PelACar os meios ACar existentes são 7 SLM MILAN, com a câmara térmica MILIS 3, um Simulador DX-143 e 4 viaturas UMM Cournil 4*4 para transporte do SLM MILAN.
2ºCmdt da CAC no 2ºBI	No Batalhão os meios ACar existentes são os meios ACar existentes no PelACar, pois devido ao reequipamento das unidades com os novos meios, algumas ainda não foram levantadas, e a única unidade neste momento com meios e treino ACar é o PelACar.
2 Cmdt 1CAAt do 2ºBI	No Batalhão relativamente às CAAt, e é aquilo que te posso dizer, neste momento, os meios ACar que dispomos são 9 LGF LAW por companhia, ou seja 3 por PelAt.
Cmdt do PelACar no 1ºBI	No 1º BI, neste momento os meios ACar existentes são apenas os 9 LAW das Companhias e os meios do PelACar da CAC. Neste Pelotão temos: <ul style="list-style-type: none"> • 4 UMM Cournil com suporte de SLM MILAN • 8 SLM MILAN • 2 Simuladores • 1 Sala de simulação quase desativada.
Cmdt 1CAAt do 1ºBI	Nas CAAt do 1ºBI, neste momento, os meios ACar que dispomos são 9 LGF LAW por companhia, ou seja 3 por PelAt.
Cmdt ERec BrigInt	Os meios ACar que o ERec dispõe neste momento, partindo de um princípio da Cavalaria, que “ a melhor arma anticarro é o próprio carro” tem as autometralhadoras, e aguardamos a chegada das viaturas VBR 8*8 PANDUR II do tipo Canhão e Anticarro, a qual a que está prevista para Setembro deste ano.
Cmdt EAC do GAM	Neste momento a nível de meios ACar não dispomos desses meios, o pelotão neste momento não está levantado, pela simples razão da não existência dos meios. Aguardamos a chegada dos meios, para começar a treinar e a trabalhar com os mesmos.

Of Op do 2º BI	<p>O que está organicamente aprovado são 29 SLM Curto Alcance, 8 SLM Médio Alcance e 4 SLM Longo alcance. Mas na realidade como só estamos a trabalhar com 2 Cat, ao invés de 3, e estamos no meio de um processo de reequipamento estes números e meios são bastante diferentes.</p> <p>Temos 18 LAW nas Companhias, ou seja, 9 por cada, e apenas os 4 SLM Médio Alcance MILAN no PelACar.</p>
----------------	--

A partir da segunda pergunta: 2 - “Qual ou quais missões e tarefas do PelACar?”, daqui desenvolveu-se o Quadro 3.

Quadro 3 - Respostas à pergunta nº2 da Entrevista

Pergunta Entrevistado	Qual ou quais missões e tarefas do PelACar?
Cmdt do PelACar no 2ºBI	<p>A missão principal do PelACar é a de bater blindados In ou quando não existe uma ameaça de blindados pode ser utilizada numa função secundária de dar fogo contra objetivos pontuais, tais como casamatas ou armas coletivas.</p> <p>Também temos importantes missões de Vigilância, utilizando os nossos aparelhos de visão como por exemplo a Câmara Térmica MILIS 3.</p> <p>Podemos ser utilizados para variadíssimas tarefas como o ocupar a posição, determinar a distância ao alvo, reação ao contacto, executar pontarias, elaborar a carta de tiro e montar e desmontar a câmara térmica MILIS3.</p>
2ºCmdt da CAC no 2ºBI	<p>As missões principais deste pelotão são destruir as viaturas blindadas do inimigo, as posições fortificadas, e executar vigilância.</p>
Cmdt do PelACar no 1ºBI	<p>As missões deste pelotão são destruir as viaturas blindadas do Inimigo, posições fortificadas e executar vigilância. Como tarefas atribuídas para este pelotão e seguindo as NEP para o PelACar temos: Reação a emboscadas e Contacto com o In, Executar um PO/PE, Ocupar a Posição e executar as cartas de tiro e esboços de secção.</p>

Cmdt do PelACar no 1ºBIMec	Este pelotão tem como missão principal destruir as viaturas blindadas do inimigo e como missões ulteriores bater outras viaturas, posições fortificadas, armas coletivas e outros objetivos pontuais.
Cmdt da CAC no BIMec	A missão deste pelotão é destruir as viaturas blindadas do inimigo e como missões ulteriores bater outras viaturas, posições fortificadas, armas coletivas e outros objetivos pontuais.
Of Op do 2ºBI	A missão é a que está doutrinariamente escrita, as tarefas que o Pelotão tem são as que no dia-a-dia lhes permitem treinar as tarefas críticas que poderão vir a desempenhar caso a Força tenha que intervir.

Partindo do pressuposto de que o PelACar é a unidade mais capaz a nível anticarro nos BI da BrigInt, elaborou-se a terceira questão, **3 - “Sendo o PelACar a principal unidade com capacidade ACar do Batalhão de Infantaria/GAM, deverão estar estes meios concentrados ou dispersos pelas companhias?”**, daqui desenvolveu-se o Quadro 4.

Quadro 4 - Respostas à pergunta nº3 da Entrevista

Pergunta	Entrevistado
	Sendo o PelACar a principal unidade com capacidade ACar do Batalhão de Infantaria/GAM, deverão estar estes meios concentrados ou dispersos pelas companhias?
Cmdt do PelACar do 2ºBI	O Cmdt de Batalhão pode utilizar o pelotão como um todo ou por secções, destacando assim uma ou mais secções para junto das CAAt mais ameaçadas por Carros de Combate. Os meios no meu entender deverão estar dispersos pelas companhias, em prol da proteção ACar das mesmas.
Cmdt do EAC do GAM	Dependerá sempre da missão atribuída. Mas aquilo que eu te posso dizer devido a inexistência dos meios, ainda não existiu o treino com esses meios. Com tudo, na minha opinião os meios devem estar descentralizados (A/D) por parelha, ou seja, duas secções apoiando diretamente uma companhia.
2ºCmdt da CAC no 2ºBI	Dependendo da missão, os meios de PelACar devem estar descentralizados e espalhados pelas companhias, existindo uma maior capacidade de resposta a ataques de Carros de Combate.
Cmdt do PelACar no 1ºBI	Os PelACar devem estar sempre sobre a alçada direta do Comandante de Batalhão, mas executando sempre as missões de acordo com o que o Cmdt Pel achasse

	mais adequado, ficando todos os meios concentrados.
Of Op 2 do BI	Dependendo sempre da missão, mas no dia-a-dia para treino convém que essas forças estejam concentradas para que trabalhem e melhorem a sua prontidão. Em exercício temos que as dividir, porque na realidade não temos os meios ACar previstos em Quadro Orgânico, (que permitiriam um maior comando e controlo e uma maior proteção).

Da quarta questão: **4 – “Qual é o enquadramento organizacional do PelACar?”**, resultou o Quadro 5.

Quadro 5: Respostas à pergunta nº4 da entrevista

Pergunta	Qual é o enquadramento organizacional do PelACar?
Entrevistado	
Cmdt do PelACar no 2ºBI	O PelACar está inserido na CAC, Companhia de Apoio de Combate mas responde diretamente ao comando do Batalhão.
2ºCmdt da CAC do 2ºBI	O PelACar está inserido na CAC, Companhia de Apoio de Combate.
Cmdt do PelACar do 1ºBI	O PelACar está inserido na CAC.
Cmdt do PelACar do 1ºBIMec	O PelACar está inserido na CAC.
Cmdt da CAC do BIMec	O PelACar está inserido na CAC, no entanto depende sempre da decisão do Cmdt de Batalhão o modo de emprego dos seus meios.
Of Op do 2º BI	Em quartel o PelACar enquadra-se organizacionalmente na CAC, para treino, depois normalmente em Exercícios o comando passa para o Cmdt de Batalhão, que é o responsável por atribui os meios e o Cmdt de CAC reverte para conselheiro apoiando o Cmdt de Batalhão.

À pergunta cinco, “Quais as potencialidades e vulnerabilidades dos meios ACar do Batalhão?”, resultou o Quadro 6.

Quadro 6 - Respostas à pergunta nº5 da Entrevista

Pergunta Entrevistado	Quais as potencialidades e vulnerabilidades dos meios ACar do Batalhão?
Cmdt do PelACar do 2ºBI	Estando os meios ACar concentrados no PelACar, este tem a potencialidade de poder estar junto às CAT com mais ou menos secções ACar consoante a missão. Pode dar assim o apoio necessário nas tarefas ACar a uma CA que está mais exposta a ameaças Anti Carro. Neste momento, fica limitado às quatro Armas no apoio a um Batalhão.
2ºCmdt da CAC do 2ºBI	<p>Potencialidades As potencialidades são as conferidas pelo alcance das armas e da capacidade de vigilância da câmara térmica MILIS.</p> <p>Vulnerabilidades O material não está o mais operacional possível, temos algumas câmaras térmicas e SLM MILAN INOPS. Algumas condicionantes de utilização específicas dos SLM MILAN e da câmara térmica.</p>
Cmdt do PelACar do 1ºBI	<p>Potencialidades Alcance do MILAN de 2000m. A capacidade de vigilância concedida pela câmara térmica MILIS.</p> <p>Vulnerabilidades são principalmente em relação as viaturas pois estas estão obsoletas.</p>
2 Cmdt 1CA do 2ºBI	As potencialidades e vulnerabilidades das armas ACar que as CA dispõem, são as inerentes às características do Sistema Lança Mísseis MILAN.
Cmdt EAC do GAM	Devido à inexistência dos meios, ainda não existiu a possibilidade de treino e operabilidade dos meios. Por isso, não te posso dizer quais são as potencialidades e vulnerabilidades dos meios.

Cmdt do PelACar do 1ºBIMec	<p>Potencialidades: Alcance da arma 3750 m. Pode se usar todos os tipos de mísseis TOW. Pode ser empregue para reconhecimento. As Vulnerabilidades são as inerentes às armas como por exemplo à não atualização do suporte das novas armas nas viaturas M113 e neste momento por falta de pessoal não existe pelotão na realidade.</p>
Cmdt da CAC do BIMec	<p>Potencialidades: As capacidades normais das armas anticarro, tem um longo alcance 3750 metros é uma grande vantagem, garantindo o stand off range. As vulnerabilidades estão relacionadas às características da arma também.</p>
Of Op do 2ºBI	<p>Potencialidades As capacidades inerentes à arma, o Alcance e a capacidade de vigilância. Vulnerabilidades A plataforma que esta assente o SLM MILAN, não tem a mesma mobilidade e a mesma proteção.</p>

No Quadro 7 apresentam-se as respostas à última questão seis.

Quadro 7 - Respostas à pergunta nº6 da Entrevista

Pergunta	Entrevistado
	Com a experiência que possuí, faria alguma alteração no PelACar da BrigInt?
Cmdt do PelACar no 2ºBI	Para já não faria nenhuma alteração, tem funcionado bem, aguardo que chegue o novo equipamento para então ver como tudo funciona.
2ºCmdt da CAC no 2ºBI	Relativamente ao que está em quadro orgânico não alteraria nada. Faria alterações a nível do treino, necessitariam de instruções noturnas para poderem treinar com a câmara térmica MILIS, acautelar na realização das OOp as tarefas deste PelAcar.
Cmdt do PelACar no 1ºBI	O remuniador deveria ter uma arma com bipé, para lhe dar outra proteção.
Cmdt do PelACar no 1ºBIMec	A nível de orgânica não mudaria nada, a nível de sistema de armas alterava o SLM TOW porque já existem novos sistemas armas mais eficazes como as armas fire and forget, javeline, spike.

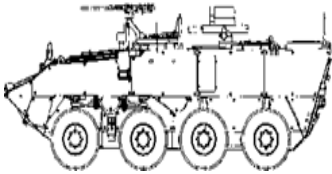

Cmdt da CAC no BIMEc	A nível de orgânica não mudaria nada, a nível de sistema de armas alterava o TOW porque já existem novos sistemas armas mais eficazes, como as armas fire and forget. E apostaria na melhoria dos simuladores de tiro.
Of Op do 2 BI	Não faria alterações ao que está aprovado no quadro orgânico.

4.3. Discussão dos resultados

4.3.1. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 1

Para discussão das respostas à primeira pergunta criou-se o Quadro 8 que relaciona os meios organicamente aprovados e aqueles que existem na realidade.

Quadro 8 – Comparação dos meios ACar BI/BrigInt (QOM) /BI/BrigInt (Realidade)

		Meios ACar	BI/BrigInt (segundo Quadro Orgânico 2009)	BI/BrigInt (Realidade)
U N I D A D E	PelACar	4xVBR		
		4xSLM	SLM Longo Alcance TOW	SLM Médio Alcance MILAN
	PelRec	SLM Médio Alcance	2	0
		SLM Curto Alcance	2	0

	3xSecCan	SLM de Médio Alcance	6	0
	3xCAt	SLM de Curto Alcance	27	18 LAW

A partir da análise do Quadro 8, podemos ver que existe uma discrepância muito grande entre os meios que estão organicamente aprovados e aqueles que existem na realidade.

Deste quadro podemos retirar que os únicos meios ACar existentes nos BI/BrigInt estão nos PelACar e nos PelAt.

No PelACar os meios ACar, aprovados segundo quadro orgânico, são 4 viaturas VBR 8*8 e 4 SLM de longo alcance TOW, mas na realidade são quatro viaturas 4*4 UMM Cournil, e quatro SLM de médio alcance MILAN.

Nas 3 CAt, os meios ACar aprovados segundo quadro orgânico são 27 SLM curto alcance, mas neste momento, como só estão levantadas 2 CAt existem 18 LGF LAW.

4.3.2. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 2

Na verificação das respostas à segunda pergunta, estas são concordantes, visto que os entrevistados enunciaram o destruir dos blindados inimigos como sendo a principal missão do PelACar. A missão enunciada vai de encontro à que doutrinariamente está estabelecida no Manual do Batalhão de Infantaria, “A missão principal do Pelotão Anticarro é de destruir as viaturas blindadas do inimigo.” (EPI, 2001, p. VIII-20)

4.3.3. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 3

Relativamente à terceira pergunta, existe uma divergência de opiniões relativamente a concentração ou dispersão dos meios, para tal criou-se o Quadro 9 para compreender melhor essa divergência.

Quadro 9 – Comparação de respostas sobre o método de emprego dos meios ACar.

	Meios ACar em Ação de Conjunto	Meios ACar em Apoio Direto
Cmdt do PelACar no 2ºBI		X
2ºCmdt da CAC no 2ºBI		X
Cmdt do PelACar no 1ºBI	x	
Cmdt EAC do GAM		X
Of Op do 2ºBI		X

Existe divergência na aplicação dos meios ACar, mas podemos ver que existem mais opiniões que colocariam sempre os meios em A/D às companhias. Daqui podemos retirar que na maioria dos casos dependendo da missão atribuída, para os entrevistados a preferência de emprego dos meios ACar é em Apoio Direto. Esta escolha é justificada pelo aumento da proteção ACar que as CAat ganham.

4.3.4. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 4

Na verificação das respostas à quarta pergunta, também não surgiu nenhuma divergência entre os entrevistados relativamente ao enquadramento organizacional, pois todos responderam que o PelACar está enquadrado na CAC, existindo apenas a ressalva que este depende diretamente da decisão do Cmdt do BI, no método de emprego.

4.3.5. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 5

Nesta discussão de resultados é necessária a atenção ao Quadro 10, onde são apresentadas todas as potencialidades e vulnerabilidades levantadas pelos entrevistados.

Quadro 10 – Potencialidades e Vulnerabilidades

Potencialidades	Vulnerabilidades
Flexibilidade destes meios ACar poderem atuar junto das CAAt	A capacidade ACar do Batalhão, neste momento, fica limitada a quatro armas
O alcance máximo do SLM MILAN de 2000 m	A inoperacionalidade de algum material
A capacidade de vigilância concedida pela câmara térmica MILIS	A obsoleta idade das viaturas
	As condicionantes de utilização específicas do SLM MILAN e da câmara térmica

Podemos ver que as potencialidades e vulnerabilidades são todas, de âmbito tático ou de ambiente técnico.

Do âmbito tático, a potencialidade dos meios ACar é a flexibilidade destes poderem atuar junto às CAAt. A vulnerabilidade a nível tático prende-se à capacidade ACar do Batalhão, neste momento, estar limitada a quatro armas.

Do âmbito técnico, as potencialidades e vulnerabilidades estão intimamente ligadas às características do armamento ACar utilizado.

4.3.6. Discussão dos resultados da Pergunta n.º 6

As alterações que foram salientadas por todos os entrevistados nas respostas à pergunta 6, “Com a experiência que possui, faria alguma alteração no PelACar da

BrigInt?”, foram apenas a nível do equipamento, pois todos os entrevistados, tendo em conta os novos Quadros Orgânicos, não mudariam nada.

4.4. Breves Conclusões

Após a análise e discussão das entrevistas, estas proporcionaram-nos algumas conclusões.

Podemos considerar que, no entender dos entrevistados, fruto das respostas à primeira pergunta, os meios anticarro dos BI, devido ao reequipamento que se encontra num processo não concluído, situam-se apenas no PelACar.

O PelACar em ambos os Batalhões tem como meios ACar as viaturas UMM Cournil 4*4 com suporte para o SLM de médio alcance MILAN e câmara térmica MILIS 3.

Através da análise das respostas à segunda pergunta, é possível delinear que a principal missão de um PelACar de bater blindados Inimigo, posições fortificadas e executar vigilância. Relativamente às tarefas críticas que foram enunciadas de cada Pelotão, é de destacar as tarefas de reação a emboscadas e ao contacto In, a ocupação da posição e elaborar uma carta de tiro.

No âmbito da terceira questão, é possível delinear através das respostas dos entrevistados existe consenso entre os entrevistados, pois os entrevistados dizem que o PelACar deve ser empregue sempre em Apoio Direto às companhias, estando este sempre sob alçada do Comandante de Batalhão, isto porque os materiais não conferem a mobilidade e proteção necessárias para poderem atuar concentradas como pelotão.

O conjunto de respostas à quarta pergunta, vem de encontro às respostas anteriores, confirmando que o PelACar está inserido na CAC, mas que este responde diretamente às ordens do Comandante de Batalhão.

Após a análise das respostas à quinta pergunta, as potencialidades e limitações levantadas dos meios ACar, são inerentes às do PelACar. Como potencialidades foram identificadas: da flexibilidade destes meios poderem atuar junto das CA, conferindo-lhes maior capacidade na luta ACar, o alcance máximo do SLM MILAN de 2000 m e capacidade de vigilância concedida pela câmara térmica MILIS 3.

Como limitações foram identificadas: a capacidade ACar do Batalhão fica limitada a quatro armas, a inoperacionalidade de algum material, a obsoleta idade das viaturas e as condicionantes de utilização específicas do SLM MILAN e da câmara térmica.

À pergunta número seis as respostas foram todas concordantes, na qual os entrevistados afirmaram que se os meios estivessem de acordo com o quadro orgânico, para já não fariam quaisquer alterações.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES DO ESTUDO

5.1. Introdução

O capítulo das conclusões e recomendações tem como principais objetivos apresentar as reflexões finais sobre esta investigação e apresentar recomendações para investigações futuras.

As conclusões do estudo alcançam-se respondendo inicialmente às perguntas derivadas, que se apresentaram como delimitadoras e cujas verificações das respetivas hipóteses são determinantes para a responder à Pergunta de Partida.

Findas as reflexões conclusivas serão apresentadas algumas recomendações e as principais limitações sentidas durante esta investigação.

5.2. Verificação das Hipóteses

As hipóteses levantadas para responder às perguntas derivadas no início da investigação, carecerão de verificação após a análise de todos os dados recolhidos desta aprofundada pesquisa.

Relativamente à primeira questão derivada, **“Quais as potencialidades dos meios ACar na BrigInt?”**, foi proposta a seguinte hipótese, **“As potencialidades dos meios ACar dos BI da BrigInt que mais se destacam pelo seu modo de atuação e emprego são a mobilidade, a autonomia, o alcance das suas armas e a proteção fornecida à força pelos seus meios”**. Esta hipótese é válida mas apenas até um determinado ponto.

Como se verificou após a comparação dos meios ACar organicamente aprovados com os meios ACar utilizados na realidade pela BrigInt, na discussão das respostas à pergunta n.º1, os meios ACar utilizados pelos BI da BrigInt não correspondem aos que estão organicamente aprovados, e correlacionando isto, com a informação que tiramos a partir da discussão feita a partir das respostas dadas à pergunta n.º4, as potencialidades dos

meios existentes na BrigInt podemos afirmar que das potencialidades levantadas na hipótese 1, valida-se apenas o alcance das armas.

Relativamente à segunda questão derivada, **“Quais as vulnerabilidades dos meios ACar na BrigInt?”**, desenvolveu-se a hipótese, **“as vulnerabilidades da capacidade ACar dos BI da BrigInt que se salientam pelo modo de atuação e emprego dos seus meios refletem-se na sua difícil e morosa manutenção, nas implicações logísticas de mobilidade dos equipamentos e nas limitações de emprego das armas ACar.”** Esta hipótese é válida mas apenas até um determinado ponto.

Como se verificou, anteriormente, após a comparação dos meios ACar organicamente aprovados com os meios ACar utilizados na realidade pela BrigInt, na discussão das respostas à pergunta n.º1, os meios ACar utilizados pelos BI da BrigInt não correspondem aos que estão organicamente aprovados.

Assim assentes nesta comparação, e tendo em conta a discussão que foi elaborada pelas respostas à pergunta n.º5, vemos que as vulnerabilidades levantadas primeiramente, não são todas confirmadas, por exemplo, a manutenção morosa e implicações logísticas de mobilidade dos equipamentos não são confirmadas, pois os meios aprovados, VBR 8*8 PANDURII ACar não têm as mesmas especificidades que as viaturas utilizadas, UMM Cournil 4*4 com suporte para o SLM médio de alcance MILAN.

A vulnerabilidade que é levantada e confirmada é a limitação de emprego que as características próprias das armas ACar impõem no seu manuseamento.

Quanto à última questão derivada, **“Qual será o emprego tático dos meios ACar mais eficiente: a concentração dos meios no Batalhão ou a dispersão dos mesmos pelas Companhias?”**, levantou-se a hipótese, **“O emprego tático dos meios ACar mais eficiente passa pela concentração dos meios no Batalhão, utilizando estes meios em Ação de Conjunto.”** Esta hipótese verifica-se que é infirmada.

Atendendo à discussão feita com as respostas às perguntas n.º 2,3 e 4, podemos ver que todos os intervenientes estavam de acordo com a missão e enquadramento organizacional do PelACar, e existe a concordância que o emprego tático deste pelotão deve ser em Apoio Direto às Companhias.

5.3. Resposta à Pergunta de Partida

Com base na infirmação/confirmação das hipóteses desenvolvidas para as questões derivadas, procurou-se responder à pergunta de partida, **“Quais as potencialidades e vulnerabilidades da capacidade Anticarro dos BI da BrigInt no cumprimento da sua Missão?”**.

Tendo em conta toda a investigação, é importante ressaltar certos conceitos-chave inscritos na questão acima identificada.

Um dos conceitos chave é **“Capacidade Anticarro dos BI da BrigInt”**, é entendido pelo autor, pelas possibilidades/prontidão dos meios e sistemas de armas ACar existentes nos referidos Batalhões, e como foi concluído anteriormente essa capacidade reside fundamentalmente nos meios e sistemas de armas ACar dos PelACar.

Um outro conceito chave é a **“Missão”**, que vem doutrinariamente descrita no Manual do Batalhão de Infantaria (2001), *“A missão principal do Pelotão Anticarro é de destruir as viaturas blindadas do inimigo.”* (E.P.I, 2001, p. VIII-20).

Assim pode-se afirmar, que os meios e sistemas de armas ACar dos PelACar dos BI da BrigInt para o cumprimento da sua missão têm como potencialidades o alcance do SLM Médio Alcance MILAN, e como vulnerabilidades, as limitações de emprego que as características próprias das armas ACar impõem no seu manuseamento.

5.4. Reflexões Finais e Recomendações

A BrigInt quando comparada com outras Grandes Unidades congêneres, não dispõe de unidades táticas (Batalhão ou Companhia) especialmente dedicadas à luta ACar, que possam ser empregues diretamente pela mesma, em apoio direto ou ação conjunta com os BI.

Com isto, seria importante a existência de uma unidade de escalão Companhia ou Batalhão que dependesse diretamente do comando da Brigada, para que tivéssemos uma maior capacidade ACar.

5.5. Limitações ao Estudo

O presente trabalho depreende um conjunto de limitações que se relacionam com o tempo disponível para a sua realização e para a recolha de informação sobre a doutrina ACAR portuguesa. O período considerado para a aplicação das entrevistas revelou-se curto, pois a conjugação de meios de transporte com o deslocamento a dadas Unidades e a disponibilidade dos entrevistados para a realização das entrevistas, ditaram um atraso substancial no período considerado para a recolha de dados.

A obtenção de informação relativa aos meios militares que Israel dispõe, constituiu uma limitação, uma vez que não foi possível aprofundar esta temática, que iria enriquecer a investigação.

O presente estudo foi realizado, mediante critérios científicos do método científico Indutivo, pelo que as conclusões deste estudo são extrapoladas de uma investigação realizada sobre uma determinada parte da população (Particular), para o Universo da população considerada (Geral).

5.6. Investigações Futuras

Para investigações futuras seria interessante realizar um estudo de caso sobre uma aplicação prática do PelACAR (segundo os quadros orgânicos de 2009) num Teatro de Operações atual, ou seja, um estudo que mostrasse quais as tarefas e missões que este pelotão poderia vir a desempenhar.

Seria interessante também fazer um estudo sobre a existência ou não da necessidade de readequação do planeamento tático, ao nível dos escalões de Companhia e Batalhão, face às potencialidades e vulnerabilidades que os meios que virão equipar estas unidades oferecerão.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

Bowyer, R. (2004). *Dictionary of Military Terms*. Oxford: Macmillan

Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*.

Coimbra: Grupo Almedina

Escola Prática de Cavalaria. (2007). *DP 8-32-11 (1) – Manual de Chefe de Viatura VBR 12.7mm PANDUR II 8X8*. Abrantes.

Escola Prática de Cavalaria. (2007). *DP 8-32-11 (2) – Manual de Condutor de Viatura VBR 12.7mm PANDUR II 8X8*. Abrantes.

Escola Prática de Infantaria, (2001). *Manual do Batalhão de Infantaria*. Mafra.

Esquadrão de Reconhecimento, Regimento de Cavalaria n.º 4 (s.d.). *Manual do Curso de Instrutores Sistemas Lança Misseis TOW*. Santa-Margarida

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Headquarters, Department of the Army (2007). *FM 3-21.8, The Infantry Rifle Platoon and Squad*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters, Department of the Army (2010). *FM 3-21.9, SBCT Infantry Rifle Platoon and Squad*. Washington, DC: Government Printing Office.

Headquarters, Department of the Army (2003). *FM 3-21.11, The SBCT Infantry Rifle Company Contents*. Washington, DC: Government Printing Office.

Headquarters, Department of the Army (2003). *FM 3-21.91, Tactical Employment of Antiarmor Platoons and Companies*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters, Department of the Army (2003). *FM 3-22.34, TOW Weapon System*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters, Department of the Army (2003). *FM 3-22.37, Javelin Medium Antiarmor Weapon System*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters, Department of the Army (2001). *FM 3-23.25, Light Antiarmor Weapons*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters, Department of the Army (1991). *FM 100-2.3, The Soviet Army troops, organization, and equipment*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters, Department of the Army (1998). *FM 100-61, Armor- and Mechanized-Based Opposing Force Operational Art*. Washington: Government Printing Office.

Headquarters, Department of the Army (1996). *FM 100-63, Infantry-Based Opposing Force*. Washington, DC: Government Printing Office

Headquarters U. S. Marine Corps, Department of the Navy (1998). *MAGTF Antiarmor Operations*. Washington, DC: Government Printing Office.

Marracho, TCOR INF. (2010). *M212-Sistemas de Armas de Infantaria*. Lisboa: AM Ministério da Defesa Nacional, Exército Português, Escola Prática de Infantaria. (2006). *Manual de Armamento Ligeiro*. Mafra.

Ministério da Defesa Nacional, Exército Português. (2005). *Regulamento de Campanha, Operações*. Lisboa.

Ministério da Defesa Nacional, Exército Português, Escola Prática de Infantaria. (2011). *ME 3-00-16, Manual Escolar de Armamento ligeiro/pesado do Pelotão de Atiradores*. Mafra.

Moreno, TCOR INF. (2006/2007). *A Transformação da Brigada*. Revista da Brigada de Intervenção. Coimbra.

Ogorkiewicz, R. (1991). *Technology of Tanks*. Nova Iorque: Jane's Information Group

PMLP (2007-2024) 2007. *Plano de Médio e Longo Prazo 2007-2024*. Lisboa: CEME.

Porto Editora, Lda. (1996). *Dicionários Académicos, Dicionário de Língua Portuguesa*. Portugal: Porto.

Quivy, R., & Campenhoudt, L.V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5.^a ed.). Lisboa: Gradiva.

Redman, T. (1999). *Worldwide Equipment Guide*. Ft. Leavenworth, KS: TRADOC DCSINT

Rodrigues, COR CAV (2010). *De Coimbra Para o Mundo*. Coimbra: Grupo Tadinense.

Santos, J. (2005). *Metodologia das ciências sociais: Documento de Estudo*. Lisboa. AM.

Sarmiento, M. (2008). *Guia prático sobre metodologia científica (2.ª ed.)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Semianiw, COL (1999). *La guerre de manoeuvre et le commandement depuis l'avant. Le Bulletin de Doctrine e d'Instruction de L'Armée de Terre*. Vol. 2, 3, 24-28.

Legislação:

Despacho n.º24.0.11/CEME/09 (2009). Exército, 5 de Agosto - Brigada de Intervenção, 1ºBatalhão de Infantaria 1ºBI (Vila Real).

Despacho n.º24.0.12/CEME/09 (2009). Exército, 5 de Agosto - Brigada de Intervenção, 2ºBatalhão de Infantaria 2ºBI (Viseu).

Despacho n.º24.0.13/CEME/09 (2009). Exército, 5 de Agosto - Brigada de Intervenção, Grupo de Autometralhadoras, GAM (Braga).

Despacho n.º24.0.15/CEME/09 (2009). Exército, 5 de Agosto - Brigada de Intervenção, Esquadrão de Reconhecimento, ERec (Braga).

Fontes Eletrónicas:

Armée de Terre (2011). *7e brigade blindée*. Retirado: junho, 16, 2012, de <http://www.defense.gouv.fr/terre/presentation/organisation-des-forces/brigades/7e-brigade-blindee>.

Armée de Terre (2012). *Armement individuel et collectif*. Retirado: junho, 16, 2012, de <http://www.defense.gouv.fr/terre/equipements/armement-individuel-et-collectif>.

Army (2012). *Antiarmor Weapons*. Retirado: Junho, 13, 2012, de <http://www.army.mil/factfiles/equipment/antiarmor/index.html>.

Army-technology (2011). *Spike Anti-Tank Missile, Israel*. Retirado: junho, 22, 2012, de <http://www.army-technology.com/projects/gill/>.

Army-technology (2011), *Eryx Anti-Armour Missile, France*. Retirado: junho, 15, 2012, de <http://www.army-technology.com/projects/eryx/>.

Área militar (2006). *Exército de Israel, estuda implicações futuras*. Retirado: julho, 10, 2012, de <http://www.areamilitar.net/noticias/noticias.aspx?nrnot=1015>.

Bertolin, G. (2004). *Dossier: VBCI*. Retirado: julho, 10, 2012, de [http://www. air-defense.net/pdf/VBCI.pdf](http://www.air-defense.net/pdf/VBCI.pdf).

DIAS, Carlos Manuel Mendes (2006). *O Exército e a transformação da defesa*. Retirado: março, 20, 2012, de [http://www. academiamilitar.pt](http://www.academiamilitar.pt).

INSS (2012). *Israel*. Retirado: junho, 27, 2012, de [http://www.inss.org.il/upload/\(FILE\)1336472780.pdf](http://www.inss.org.il/upload/(FILE)1336472780.pdf).

JANE'S (2005). *Jane's Air-Launched Weapons*. Retirado: junho, 22, 2012, de <http://articles.janes.com/articles/Janes-Air-Launched-Weapons/MAPATS.html>.

Way, S. (2008). *Anti-tank mine*. Retirado: junho, 16, 2012, de http://www.army-guide.com/eng/article/article_966.html.

APÊNDICES

APÊNDICE A – GUIÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA

GUIÃO DA ENTREVISTA



ACADEMIA MILITAR

DIREÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares na Especialidade Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

A Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção: Potencialidades e Vulnerabilidades.

AUTOR: Aspirante Aluno de Infantaria Rui Emanuel Martins Pina

ORIENTADOR: Major de Infantaria Pedro Costa

Enquadramento

A presente Entrevista serve de suporte à investigação de campo levada a cabo na consecução do Trabalho de Investigação Aplicada elaborado no final da frequência do Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria.

Esta Entrevista enquanto ferramenta de análise serve a base metodológica de investigação do TIA subordinado ao tema “A Capacidade Anticarro dos Batalhões de Infantaria da Brigada de Intervenção: Potencialidades e Vulnerabilidades”.

Os objetivos principais desta Entrevista são os seguintes:

- Perceber quais os meios ACar dos BI da BrigInt
- Conhecer as potencialidades e limitações dos meios ACar do BI/BrgInt.
- Perceber o enquadramento organizacional dos Batalhões de Infantaria e do PelAcar.
- Perceber a missão do PelAcar.
- Perceber as Tarefas a serem cumpridas por este Pelotão.

A entrevista que se segue será analisada de forma qualitativa e servirá de suporte à investigação na sua parte prática com vista à verificação das hipóteses formuladas.

Com o intuito de salvaguardar os interesses de V. Ex.^a, e se assim o entender, esta entrevista poderá ser colocada à sua disposição. Poderá também ser facultado o trabalho na íntegra após aprovação final.

Grato pela sua colaboração.
Atenciosamente,

Rui Emanuel Martins Pina
Aspirante Of Al INF

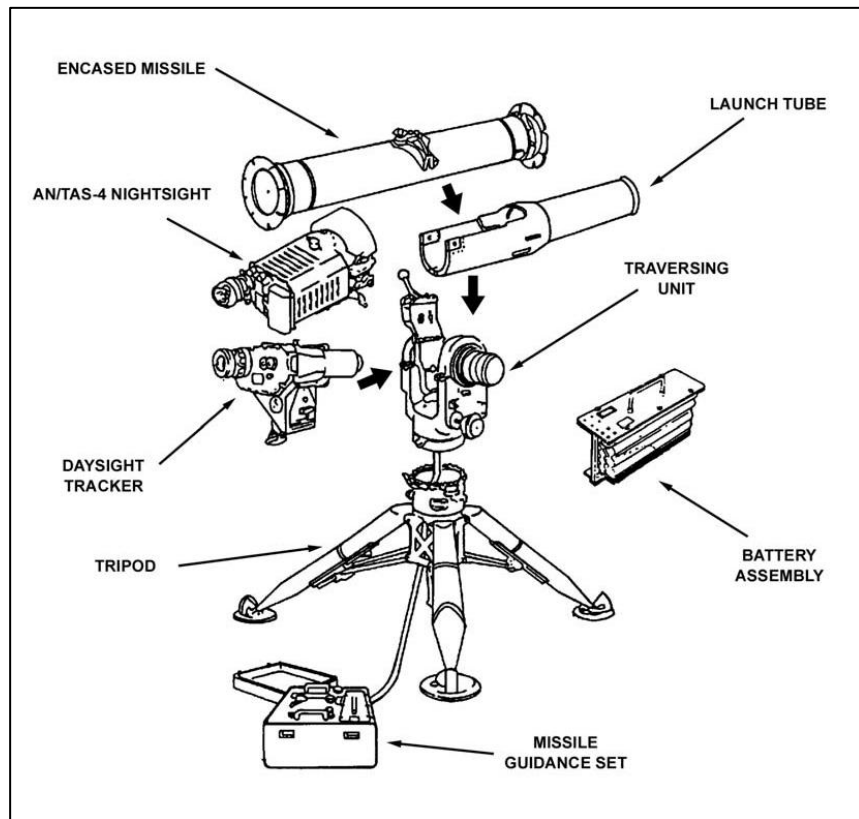
Estrutura da Entrevista “ Potencialidades e Vulnerabilidades dos meios ACar dos BI da BrigInt”

Grupos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Notas
<p style="text-align: center;">Grupo A Apresentação da entrevista</p>	<p>- Apresentação;</p> <p>- Explicar os objetivos gerais da entrevista;</p> <p>- Legitimar a entrevista;</p> <p>- Motivar o entrevistado.</p>	<p>Qual o seu nome completo?</p> <p>Qual o seu posto/cargo?</p> <p>Qual a sua arma ou serviço?</p> <p>Que função desempenha?</p>	<p style="text-align: center;">Questionar a possibilidade da entrevista poder ser gravada.</p>
<p style="text-align: center;">Grupo B Organização e missões dos meios ACar</p>	<p style="text-align: center;">Escalpelizar tudo aquilo que englobe os meios ACar e mais especificamente o PelACar</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais os meios ACar que o Batalhão de Infantaria/ERec/GAM dispõem, neste momento? 2. Qual ou quais missões e tarefas do PelACar? 3. Sendo o PelACar a principal unidade com capacidade ACar do Batalhão de Infantaria/GAM, deverão estar estes meios concentrados ou dispersos pelas companhias? 4. Qual é o enquadramento organizacional do PelACar? 5. Quais as potencialidades e vulnerabilidades dos meios ACar do Batalhão? 6. Com a experiência que possui, faria alguma alteração no PelACar da BrigInt? 	<p style="text-align: center;">Agradecer no final pelo tempo despendido para a entrevista.</p>

Local e Data da Entrevista

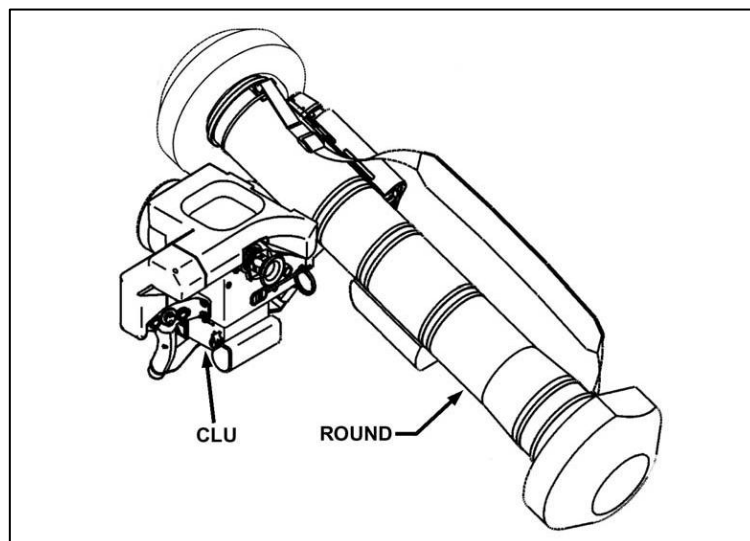
ANEXOS

ANEXO A – TOW



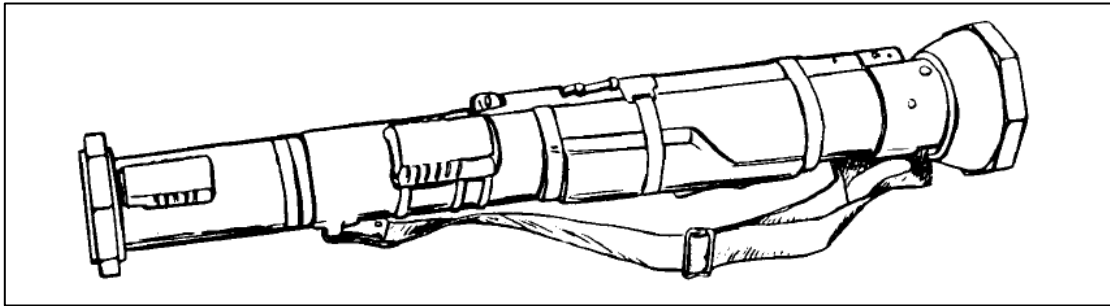
Fonte: FM 22.34 (2003)

ANEXO B – JAVELIN



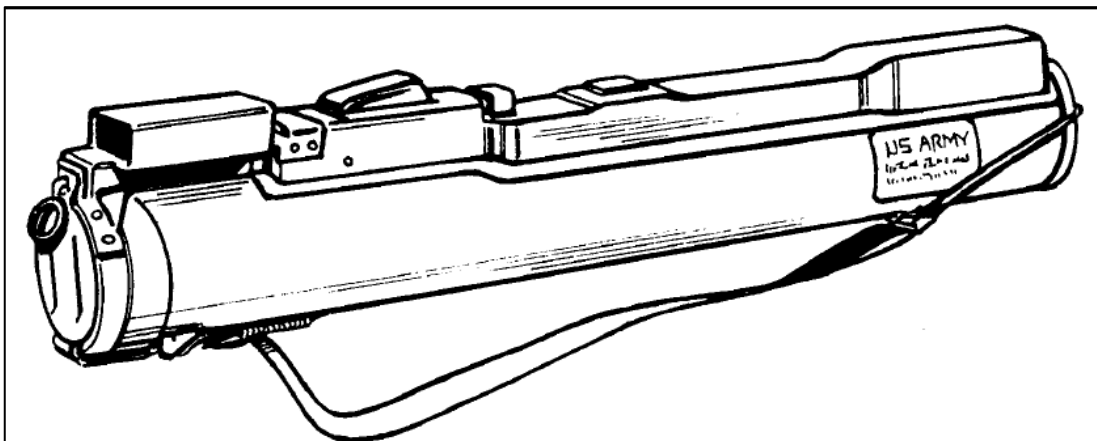
Fonte: FM 3-22.37 (2003)

ANEXO C – M136 AT-4



Fonte: FM 3.23.25 (2003)

ANEXO D – M72 LAW



Fonte: FM 3.23.25 (2003)

ANEXO E - M1134 8*8 Stryker Anti-Tank Guided Missile



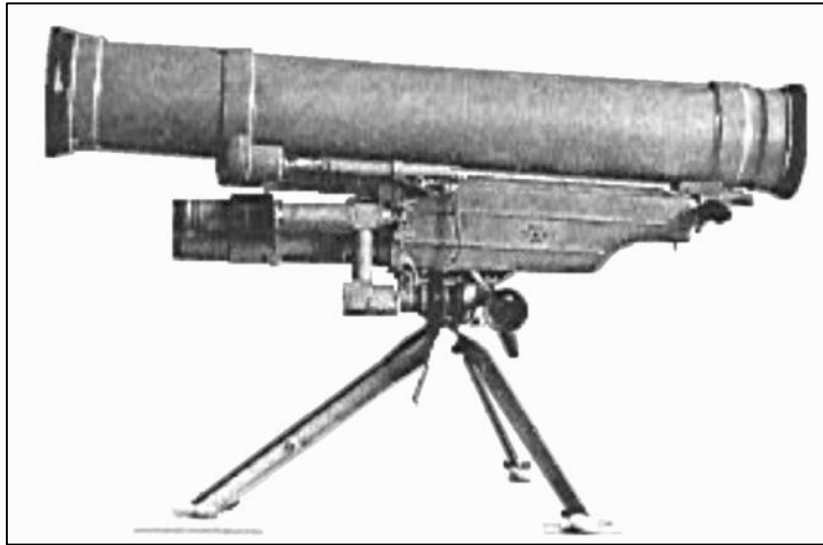
Fonte: <http://www.defenseindustrydaily.com/canada-converting-lav-iii-tuavs-to-infantry-carriers-03610/>

ANEXO F – RPG-7



Fonte: http://images2.wikia.nocookie.net/__cb20110524104616/saintsrow/images/e/e5/Rpg-7-1-.jpg

ANEXO G – AT-7



Fonte: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/row/at-7.htm>

ANEXO H – AT-4 SPIGOT



Fonte: <http://www.harpoondatabases.com/encyclopedia/Entry2125.aspx>

ANEXO I – MILAN



Fonte: Manual do Sistema Lança Mísseis MILAN

ANEXO J – ERYX



Fonte: <http://www.canadiansoldiers.com/weapons/lightweapons/lightantitank/eryx.htm>

ANEXO K – SPIKE

1) SPIKE SR



Fonte: <http://defense-update.com/wp-content/uploads/2012/02/SPIKE-SR.jpg>

2) SPIKE MR e LR



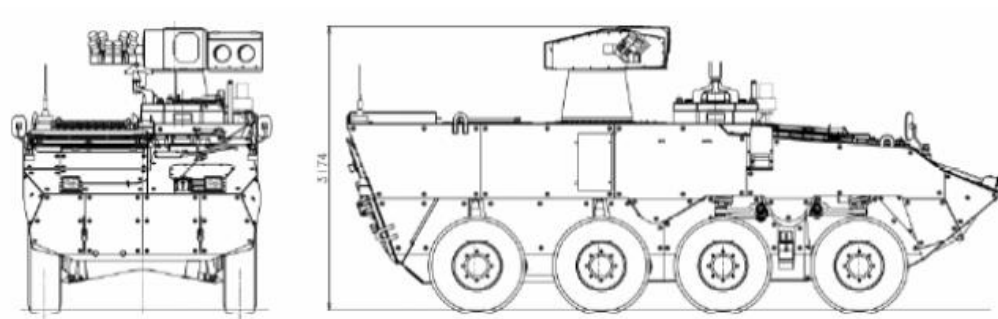
Fonte: <http://www.eurospike.com/ground.html>

3) SPIKE ER



Fonte: <http://pbrasil.wordpress.com/2010/05/20/exclusivo-misseis-antitanques/>

ANEXO L – PANDUR II 8*8



Fonte: Manual Condutor VBR PANDUR II

ANEXO M – QUADROS ORGÂNICOS



MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

BRIGADA DE INTERVENÇÃO

1º BATALHÃO DE INFANTARIA

1º BI

QUADRO ORGÂNICO

(VILA REAL)

NÚMERO
24.0.11

Aprovado em 05-Ago-09

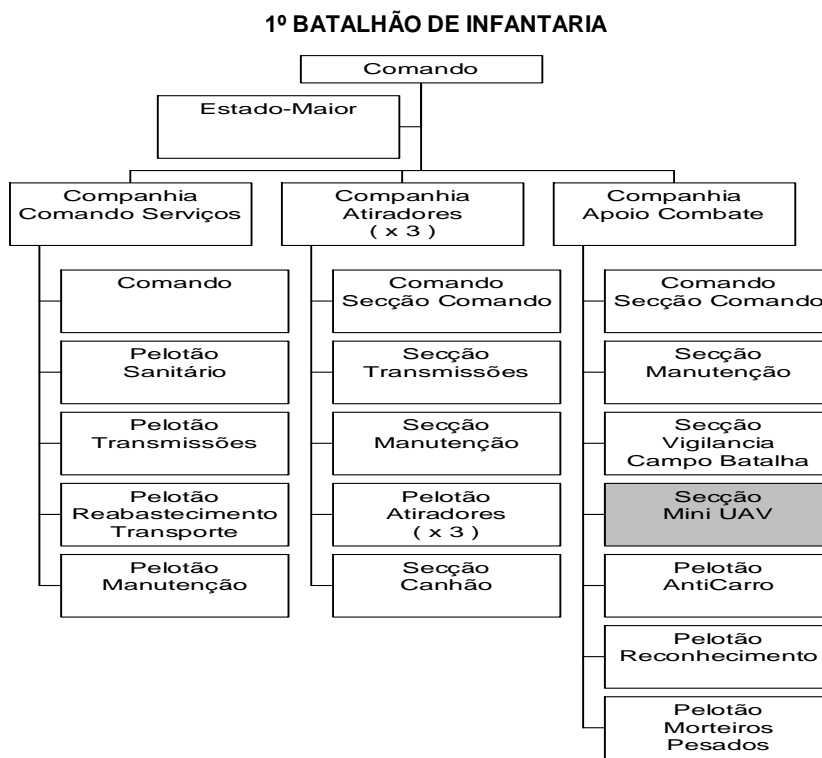
O GEN CEME
(Original Assinado)

Observações:

1. MISSÃO

O 1º Batalhão de Infantaria prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.

2. ORGANIGRAMA



3. POSSIBILIDADES

- Prepara-se para conduzir toda a tipologia de operações em todo o espectro de operações militares, nomeadamente:
 - Conduzir operações ofensivas e defensivas em todo o tipo de conflito, terreno e condições meteorológicas;
 - Conquistar e manter a posse de terreno importante e pontos sensíveis ou impedir a sua utilização por parte do inimigo;
 - Destruir, deter, neutralizar, suprimir, fixar e canalizar forças inimigas;
 - Reconhecer, negar, ultrapassar, limpar e isolar terreno ou inimigo;
 - Participar em operações de perseguição e exploração do sucesso;
 - Participar em operações aeromóveis, aerotransportadas (aterragem de assalto) e anfíbias;
 - Conduzir operações de vigilância e guarda em proveito de Unidades amigas;
 - Conduzir operações de resposta a crises (CRO);
 - Participar em operações de combate ao terrorismo e de contra-insurreição.
- Participar nas diferentes fases de empenhamento dos Planos do Exército no âmbito das Outras Missões de Interesse Público (OMIP), assim como no accionamento dos respectivos meios, quando e na forma que lhe for determinado.
- Participar em projectos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força, conforme definido superiormente.

4. CAPACIDADES

- a. Capacidade para actuar de forma independente até ao nível de secção.
- b. Capacidade para conduzir acções de combate próximo com armamento portátil.
- c. Capacidade para acção ofensiva, através da execução de fogos directos e indirectos em movimento montado ou apeado, para garantir concentração de fogos de modo a empenhar as forças inimigas blindadas e/ou de infantaria mecanizada, garantindo o máximo de atrição a estas forças.
- d. Capacidade para conduzir operações de resposta a crises (CRO).
- e. Capacidade para controlar ou manter a posse de terreno conquistado ao inimigo e preparar posições defensivas.
- f. Capacidade para observar, negar o acesso, ocupar e defender pontos fortes.
- g. Capacidade para conduzir operações em áreas urbanizadas.
- h. Capacidade para efectuar operações de controlo de tumultos.
- i. Capacidade para participar em operações Conjuntas/Combinadas.
- j. Capacidade para actuar em condições de extremo calor ou frio e em todo o tipo e condições de terreno.
- k. Capacidade para actuar integrado num ambiente em rede (NNEC - NATO Network Enabled Capability).
- l. Capacidade para Integrar o sistema JISR (Joint Intelligence Surveillance and Reconnaissance).
- m. Capacidade para obter / partilhar informação em “tempo real / próximo do real” que contribua para o BFSA (Blue Force Situation Awareness - Percepção Situacional das Forças Amigas).
- n. Capacidade para partilhar a COP (Common Operacional Picture – Imagem Operacional Comum) com as unidades subordinadas até ao escalão Secção (mesmo que actuando apeadas).
- o. Capacidade para obter, de dia ou de noite e em condições de visibilidade limitada, imagens (fotos ou vídeo) de objectivos ou actividades de interesse e disseminação das mesmas e de dados complementares para um centro de processamento / análise / integração de uma forma atempada, eficiente e segura.
- p. Capacidade para manter actualizada, de forma automática, a rede de Comando e Operações e Logística relativamente à situação da Classe III e V, bem como os danos existentes relativos a combate e a não combate.
- q. Capacidade para transportar 3 DOS.
- r. Capacidade para desminagem manual e destruição de obstáculos.
- s. Capacidade para garantir apoio a forças blindadas fazendo uso de protecção e mobilidade.
- t. Capacidade para garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito CBRN (Chemical, Biological, Radiological and Nuclear).
- u. Capacidade para garantir protecção adequada de pessoal e equipamento contra RCIED (Remote Controlled Improvised Explosive Devices).
- v. Capacidade para reconhecer e emitir sinais de identificação de forças amigas para evitar o fratricídio;
- w. Capacidade orgânica para garantir apoio logístico e sanitário.

5. PRESSUPOSTOS DA ORGANIZAÇÃO

- a. Quando necessário, as Forças de Apoio Geral garantem Apoio de Serviços e Apoio de Combate adicional ao 2º Batalhão de Infantaria (2º BI).
- b. O Hospital Militar Regional N.º1 (sujeito a correcção, na sequência da reorganização da Saúde Militar nas Forças Armadas) garante os Elementos necessários ao Apoio Sanitário quando exigidos para treino ou emprego operacional da unidade.
- c. O presente QO define quais os cargos a activar quando em treino ou emprego operacional da Unidade.
- d. Os equipamentos específicos para actuar em condições de extremo calor/frio farão parte de dotação especial a atribuir em função do exigido para treino ou emprego operacional.
- e. O levantamento das capacidades poderá estar sujeito a critérios de distribuição de meios não disponíveis para todas as Unidades do Sistema de Forças Nacional.
- f. Quando a unidade não dispõe dos meios de comunicações adequados ao novo conceito do Sistema de Informações e Comunicações Tático (SIC-T), se necessário, reorganiza as estruturas de comunicações ao nível Batalhão e Companhia, no sentido de viabilizar o treino operacional com os meios disponíveis.

6. TIPOLOGIA DA FORÇA

- a. O 1ºBI é um sistema de manobra, caracterizado pelo emprego de forças que combinam o movimento e o poder de fogo, para alcançar uma posição de vantagem sobre o adversário, permitindo a essas forças cumprirem a missão. Constituem o sistema decisivo e operam em todo o campo de batalha.
- b. O 1ºBI da Brigada de Intervenção (BrigInt) é uma unidade de protecção blindada média com facilidade de projecção dos seus equipamentos orgânicos principais.

7. CONCEITO DE EMPREGO

- a. O 1ºBI/BrigInt é uma força de elevada prontidão para todo o espectro de missões e cenários, empregando-se preferencialmente para situações que seja necessário poder de fogo, protecção e fácil projecção.
- b. O 1ºBI/BrigInt é uma força de projecção inicial em situações de conflito de média/alta intensidade e em Operações de Resposta a Crises (CRO).
- c. O 1ºBI/BrigInt pode reforçar, como um todo ou parte, se necessário, a Brigada de Reacção Rápida (BrigRR), a Brigada Mecanizada (BrigMec) e as Forças da Zona Militar dos Açores (ZMA) e Zona Militar da Madeira (ZMM).
- d. O 1ºBI/BrigInt pode conduzir operações integrando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais.
- e. O 1ºBI/BrigInt normalmente não actua como unidade pura de Infantaria, mas sim como Unidade de Armas Combinadas (Agrupamento Tático), recebendo subunidades de autometralhadoras.
- f. Emprego do 1ºBI/BrigInt num TO de alta intensidade:
O emprego do 1ºBI/BrigInt num TO de alta intensidade deve ter em linha de conta as suas especificidades intrínsecas podendo, dentro da tipologia de operações OTAN no âmbito do Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, executar ou participar num largo espectro de operações:
 - (1) Operações: ofensivas; defensivas; transição; aeromóveis; aerotransportadas;
 - (2) Operações em ambientes específicos: em território controlado pelo In; forças cercadas.
- g. O emprego do 1ºBI/BrigInt num TO de média / baixa intensidade:
No contexto das operações OTAN não Artigo 5º – *Crisis Response Operations* (CRO) poderá:
 - (1) Participar em Operações de Apoio à Paz (OAP):
 - (a) Operações de Manutenção de paz, nomeadamente em TO de elevada exigência;
 - (b) Operações de Imposição da Paz, devendo esta tipologia de operações ser considerada de emprego prioritário no contexto das OAP;
 - (c) Prevenção de Conflitos, através da presença dissuasora.
 - (2) Noutras Operações e Tarefas de Resposta a Crises:
 - (a) Operações Humanitárias (não OAP);
 - (b) Operações de Evacuação de Não-Combatentes (NEO).
- h. O 1ºBI/BrigInt pode ser reforçado com Equipas Snipers atribuídas pelas Forças de Operações Especiais. Estas Equipas destinam-se a executar missões snipers convencionais, nomeadamente: patrulhas combate; emboscadas; contra-sniper; observação avançada; operações militares em áreas urbanizadas; e integrar forças em contacto ou em reserva nas operações retrógradas.
- i. O 1ºBI/BrigInt pode colaborar em acções no âmbito das OMIP com o pessoal e o material orgânico adequados ao cumprimento destas missões específicas.

8. LIMITAÇÕES

- a. Sobrevivência face a ameaça blindada.
- b. Grande consumo das classes III, V e IX.
- c. Terreno impeditivo a Unidades montadas.
- d. Reduzida capacidade Comando e Controlo (C2) quando desmontado.
- e. Projecção estratégica da força limitada pelo equipamento pesado.



S. R.
MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

BRIGADA DE INTERVENÇÃO

2º BATALHÃO DE INFANTARIA

2º BI

QUADRO ORGÂNICO

(VISEU)

**NÚMERO
24.0.12**

Aprovado em **05-Ago-09**

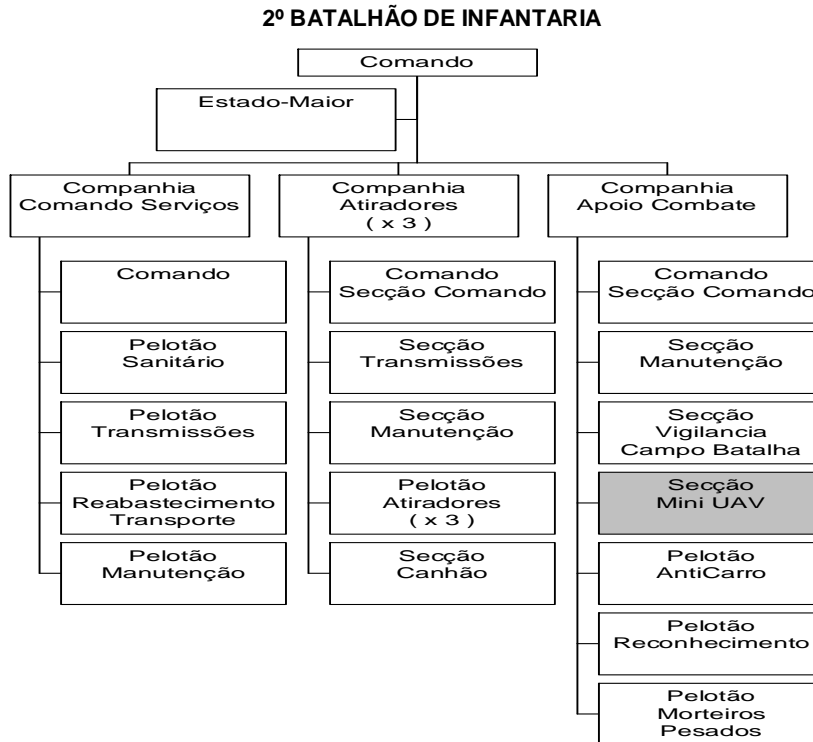
O GEN CEME
(Original Assinado)

Observações:

1. MISSÃO

O 2º Batalhão de Infantaria prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.

2. ORGANIGRAMA



3. POSSIBILIDADES

- Prepara-se para conduzir toda a tipologia de operações em todo o espectro de operações militares, nomeadamente:
 - Conduzir operações ofensivas e defensivas em todo o tipo de conflito, terreno e condições meteorológicas;
 - Conquistar e manter a posse de terreno importante e pontos sensíveis ou impedir a sua utilização por parte do inimigo;
 - Destruir, deter, neutralizar, suprimir, fixar e canalizar forças inimigas;
 - Reconhecer, negar, ultrapassar, limpar e isolar terreno ou inimigo;
 - Participar em operações de perseguição e exploração do sucesso;
 - Participar em operações aeromóveis, aerotransportadas (aterragem de assalto) e anfíbias;
 - Conduzir operações de vigilância e guarda em proveito de Unidades amigas;
 - Conduzir operações de resposta a crises (CRO);
 - Participar em operações de combate ao terrorismo e de contra-insurreição.
- Participar nas diferentes fases de empenhamento dos Planos do Exército no âmbito das Outras Missões de Interesse Público (OMIP), assim como no accionamento dos respectivos meios, quando e na forma que lhe for determinado.
- Participar em projectos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força, conforme definido superiormente.

4. CAPACIDADES

- a. Capacidade para actuar de forma independente até ao nível de secção.
- b. Capacidade para conduzir acções de combate próximo com armamento portátil.
- c. Capacidade para acção ofensiva, através da execução de fogos directos e indirectos em movimento montado ou apeado, para garantir concentração de fogos de modo a empenhar as forças inimigas blindadas e/ou de infantaria mecanizada, garantindo o máximo de atrição a estas forças.
- d. Capacidade para conduzir operações de resposta a crises (CRO).
- e. Capacidade para controlar ou manter a posse de terreno conquistado ao inimigo e preparar posições defensivas.
- f. Capacidade para observar, negar o acesso, ocupar e defender pontos fortes.
- g. Capacidade para conduzir operações em áreas urbanizadas.
- h. Capacidade para efectuar operações de controlo de tumultos.
- i. Capacidade para participar em operações Conjuntas/Combinadas.
- j. Capacidade para actuar em condições de extremo calor ou frio e em todo o tipo e condições de terreno.
- k. Capacidade para actuar integrado num ambiente em rede (NNEC - NATO Network Enabled Capability).
- l. Capacidade para Integrar o sistema JISR (Joint Intelligence Surveillance and Reconnaissance).
- m. Capacidade para obter / partilhar informação em “tempo real / próximo do real” que contribua para o BFSA (Blue Force Situation Awareness - Percepção Situacional das Forças Amigas).
- n. Capacidade para partilhar a COP (Common Operacional Picture – Imagem Operacional Comum) com as unidades subordinadas até ao escalão Secção (mesmo que actuando apeadas).
- o. Capacidade para obter, de dia ou de noite e em condições de visibilidade limitada, imagens (fotos ou vídeo) de objectivos ou actividades de interesse e disseminação das mesmas e de dados complementares para um centro de processamento / análise / integração de uma forma atempada, eficiente e segura.
- p. Capacidade para manter actualizada, de forma automática, a rede de Comando e Operações e Logística relativamente à situação da Classe III e V, bem como os danos existentes relativos a combate e a não combate.
- q. Capacidade para transportar 3 DOS.
- r. Capacidade para desminagem manual e destruição de obstáculos.
- s. Capacidade para garantir apoio a forças blindadas fazendo uso de protecção e mobilidade.
- t. Capacidade para garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito CBRN (Chemical, Biological, Radiological and Nuclear).
- u. Capacidade para garantir protecção adequada de pessoal e equipamento contra RCIED (Remote Controlled Improvised Explosive Devices).
- v. Capacidade para reconhecer e emitir sinais de identificação de forças amigas para evitar o fratricídio;
- w. Capacidade orgânica para garantir apoio logístico e sanitário.

5. PRESSUPOSTOS DA ORGANIZAÇÃO

- a. Quando necessário, as Forças de Apoio Geral garantem Apoio de Serviços e Apoio de Combate adicional ao 2º Batalhão de Infantaria (2º BI).
- b. O Hospital Militar Regional N.º1 (sujeito a correcção, na sequência da reorganização da Saúde Militar nas Forças Armadas) garante os Elementos necessários ao Apoio Sanitário quando exigidos para treino ou emprego operacional da unidade.
- c. O presente QO define quais os cargos a activar quando em treino ou emprego operacional da Unidade.
- d. Os equipamentos específicos para actuar em condições de extremo calor/frio farão parte de dotação especial a atribuir em função do exigido para treino ou emprego operacional.
- e. O levantamento das capacidades poderá estar sujeito a critérios de distribuição de meios não disponíveis para todas as Unidades do Sistema de Forças Nacional.
- f. Quando a unidade não dispõe dos meios de comunicações adequados ao novo conceito do Sistema de Informações e Comunicações Tático (SIC-T), se necessário, reorganiza as estruturas de comunicações ao nível Batalhão e Companhia, no sentido de viabilizar o treino operacional com os meios disponíveis.

7. CONCEITO DE EMPREGO

- a. O 2ºBI/BrigInt é uma força de elevada prontidão para todo o espectro de missões e cenários, empregando-se preferencialmente para situações que seja necessário poder de fogo, protecção e fácil projecção.
- b. O 2ºBI/BrigInt é uma força de projecção inicial em situações de conflito de média/alta intensidade e em Operações de Resposta a Crises (CRO).
- c. O 2ºBI/BrigInt pode reforçar, como um todo ou parte, se necessário, a Brigada de Reacção Rápida (BrigRR), a Brigada Mecanizada (BrigMec) e as Forças da Zona Militar dos Açores (ZMA) e Zona Militar da Madeira (ZMM).
- d. O 2ºBI/BrigInt pode conduzir operações integrando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais.
- e. O 2ºBI/BrigInt normalmente não actua como unidade pura de Infantaria, mas sim como Unidade de Armas Combinadas (Agrupamento Tático), recebendo subunidades de autometralhadoras.
- f. Emprego do 2ºBI/BrigInt num TO de alta intensidade:
O emprego do 2ºBI/BrigInt num TO de alta intensidade deve ter em linha de conta as suas especificidades intrínsecas podendo, dentro da tipologia de operações OTAN no âmbito do Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, executar ou participar num largo espectro de operações:
(1) Operações: ofensivas; defensivas; transição; aeromóveis; aerotransportadas;
(2) Operações em ambientes específicos: em território controlado pelo In; forças cercadas.
- g. O emprego do 2ºBI/BrigInt num TO de média / baixa intensidade:
No contexto das operações OTAN não Artigo 5º – *Crisis Response Operations* (CRO) poderá:
(1) Participar em Operações de Apoio à Paz (OAP):
(a) Operações de Manutenção de paz, nomeadamente em TO de elevada exigência;
(b) Operações de Imposição da Paz, devendo esta tipologia de operações ser considerada de emprego prioritário no contexto das OAP;
(c) Prevenção de Conflitos, através da presença dissuasora.
(2) Noutras Operações e Tarefas de Resposta a Crises:
(a) Operações Humanitárias (não OAP);
(b) Operações de Evacuação de Não-Combatentes (NEO).
- h. O 2ºBI/BrigInt pode ser reforçado com Equipas Snipers atribuídas pelas Forças de Operações Especiais. Estas Equipas destinam-se a executar missões snipers convencionais, nomeadamente: patrulhas combate; emboscadas; contra-sniper; observação avançada; operações militares em áreas urbanizadas; e integrar forças em contacto ou em reserva nas operações retrógradas.
- i. O 2ºBI/BrigInt pode colaborar em acções no âmbito das OMIP com o pessoal e o material orgânico adequados ao cumprimento destas missões específicas.

8. LIMITAÇÕES

- a. Sobrevivência face a ameaça blindada.
- b. Grande consumo das classes III, V e IX.
- c. Terreno impeditivo a Unidades montadas.
- d. Reduzida capacidade Comando e Controlo (C2) quando desmontado.
- e. Projecção estratégica da força limitada pelo equipamento pesado.